



Livro que retrata a vida refletida em crônicas publicadas nas páginas de A União. Produzido com a participação dos cronistas do jornal.

Locais de Venda:

Editora A União (3218-6500)
 Rádio Tabajara (83 9105-5864)
 Sebo Cultural (3222-4438)
 Livraria do Luiz (3576-5573)
 (99317-6944)







Pincel e lápis como armas de luta

Questionar, refletir, provocar e aguçar os sentidos são algumas prerrogativas da arte. A música e o teatro, sobretudo, sempre utilizaram desses atributos para questionar o status quo, enfrentar forças opressoras e empoderar as minorias. Chico Buarque e Geraldo Vandré fizeram fama com canções que iam de encontro ao regime totalitário que se abateu sobre o Brasil dos anos 1960, assim como grupos como Opinião, cuja produção teatral se tornou um marco de resistência nos anos de chumbo.

De forma não tão ampliada, esse engajamento também pode ser visto no cinema - em especial na produção latinoamericana dos anos 1960 e na italiana do pós-guerra e até na literatura. Mas e nas artes visuais? Esta foi a pergunta que moveu a matéria de capa da edição que o leitor tem em mãos.

A repórter Alexsandra Tavares conversou com diversos O material a seguir não esgota o tema, mas é um retrato amplo e profundo, baseado nas vozes de seus atores, que explicam a necessidade de se impor social e politicamente

artistas e um especialista em arte para desvendar quem levanta bandeira - ou bandeiras - e por qual razão. Afinal, por que lutam os artistas paraibanos contemporâneos? Como se dá o engajamento em pautas como feminismo, contra o racismo e a homofobia.

Uma luta que é encampada por pintores, escultores, desenhistas, fotógrafos, performistas com consciência de classe, com pleno juízo de seu papel não só perante a arte, mas também à sociedade em que vive, e que entende que o ambiente de arte é próprio para a luta e que telas, performances, designs e grafites são, também, ferramentas de transformação social.

O material a seguir não esgota o tema, mas é um retrato amplo e profundo, baseado nas vozes de seus atores, que explicam a necessidade de se impor social e politicamente, ao mesmo tempo que entendem o meio que têm nas mãos. Tudo isso dentro do contexto da pandemia de covid-19 e da polarização política que toma conta do Brasil desde a eleição de 2018.

Boa leitura!

André Cananéa Editor

🔷 índice









ENTREVISTA

Poeta Sérgio de Castro Pinto conversa, desta vez, com o colega gaúcho e imortal Élvio Vargas sobre influências, vanguardas e grupos literários.

CLARISSER

Analice Pereira disseca 'O Pássaro Secreto', novo livro da escritora paraibana Marília Arnaud, vencedor do Prêmio Kindle de Literatura 2021.

POESIA

Uma viagem pela biografia do poeta Juca Pontes, que forneceu tinta e lápis para as belas poesias que compõem 'As Flores do Meu Jardim'.

MÚSICA

Um depoimento emocionado - e emocionante - do músico Jader Finamore sobre Nelson Sargento, morto em decorrência da covid-19 em maio de 2021.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória DIRETORA PRESIDENTE

William Costa

Rui Leitão

DIRETOR DE RÁDIO E TV



Correio das Artes

Uma publicação da EPC - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA EDITOR DO CORREIO DAS ARTES

Paulo Sergio de Azevedo DIAGRAMAÇÃO Domingos Sávio ARTE DA CAPA

OUVIDORIA: 99143-6762

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

QUE BANDEIRAS LEVANTAM AS ARTES VISUAIS DA PARAÍBA?

Alexsandra Tavares lekajp@hotmail.com

"A importância em levantar bandeira em meu trabalho se dá a partir da ideia de que a arte é um espaço que me permite expressar minhas experiências para o mundo"

Guto Oca





Para Alena Sá, o próprio artista, por ter uma mentalidade mais aberta e enfrentar preconceitos pelo simples fato de ser artista e resistir, já é uma bandeira

Assim como outros meios artísticos, o resultado da obra pode emocionar, inspirar, instigar, entreter, trazer estranhamento, curiosidade, alegria, tristeza, euforia, reflexão e tantas outros sentimentos contidos em cada "eu" do ser humano. Mas há um papel que também está intimamente ligado à arte visual: o de erguer "bandeiras", o de registrar em cada produção a luta de minorias, de protestar contra injustiças, desigualdades, de denunciar atos falhos da civilização humana que ainda alimenta práticas como o racismo, a discriminação de gênero e a violência contra a mulher, só para citar alguns exemplos. E, na Paraíba, são várias as "bandeiras" contidas nas artes visuais.

A afirmação vem das vozes dos próprios profissionais. "Vejo a arte visual paraibana como múltipla, com poéticas e 'bandeiras' tão numerosas quanto seus artistas. Caso pudéssemos dar à produção paraibana uma bandeira, seria uma que sintonizasse com o tempo agora. Uma produção cuja plataforma de ação é a sociedade contemporânea com toda a sua diversidade de fenômenos e eventos", declarou Flaw Mendes, artista visual paraibano que trabalha com design, ilustração, artes plásticas e infogravuras, entre outros suportes e visualidades.

Flaw continua: "Dos desenhos - analógicos e digitais - aos murais de grafite; dos objetos cotidianos à grandes esculturas de ferro; de pequenas ações à excêntricas performances, as reflexões levantadas por artistas parecem um grito que deixa audível as intempéries da sociedade, os ruídos do convívio, os anseios do viver junto e a urgência ambiental".

O artista ressaltou que, em linhas gerais, as produções com mais evidência no momento abordam temas relacionados ao feminismo, às relações étnico-raciais e ao meio ambiente, quase sempre se desdobrando no aspecto político. Ele próprio é um representante dessa "vertente" artística, que deixa, marcada em sua obra, temáticas advindas das demandas sociais, transbordando suas inquietações, anseios e posicionamento sobre determinado assunto no fazer artístico.

Outro profissional que ressalta a potencialidade da Paraíba no compromisso que as artes visuais assu-



66

"Cada artista traz
à tona, em sua
poética, a dor
ou a culpa que
lhe atinge mais,
e falar disso é
contribuir com a
cura das próximas
gerações"

FOTOS: DIVULGAÇÃO



'ManoBrasil', obra de Conceição Mylena (em fotoperformance na página ao lado): arte se alia às lutas da população, identificando uma "maior responsabilidade social e consciência de classe" na construção de uma estética que dá poder ao oprimido

"Muitas vezes, o trabalho de determinada(o) artista já é político na sua própria essência, no próprio conceito. Porém, vejo artistas se reunindo para discutir questões ligadas às bandeiras, e às mãos que as erguem, na reivindicação de espaços e luta por visibilidade de forma orgânica aqui na Paraíba, e não porque outro lugar é mais avançado sobre o fazer artístico".

O racismo é o tema enfocado na obra de Oca e, segundo ele, a iniciativa partiu das experiências pessoais. Ao tomar essa atitude, ele busca dialogar com outras pessoas que, possivelmente, tenha passado por esse tipo de violência. "Que elas possam encontrar em minha poética uma forma de conversa, de identificação, para que possamos dialogar com outras perspectivas e pensar além, o depois".

A relação com o racismo está presente em toda produção de Guto. Ele tem na sua existência, em seu "corpo racializado", a partir de seus "pensamentos que, a priori, partem de uma perspectiva decolonial", a inspiração que o move nesse caminho. "Surge através da minha existência enquanto artista. Existir para resistir",

E para transmitir a mensagem que se propõe em cada trabalho, Oca utiliza elementos do corpo humano que ressaltam suas raízes, como o cabelo, que muitas vezes são transformados em *dreadlocks*. Ele declara que há três anos recolhe mechas de diversas pessoas e os utiliza em objetos artísticos e instalações, sempre pensando numa perspectiva de resistência.

CONSCIÊNCIA DE CLASSE

completou.

Seja explícita ou sutil, em tom de ironia, poesia, ou ousadia, cada artista encontra seu jeito próprio de destacar determinada temática política, social, econômica ou ambiental em sua produção. O fotógrafo Ricardo Peixoto reforça esse contexto e diz que não veio a este mundo para ficar em cima do muro, ou apenas esperar que tudo caia do céu. "Vim espalhar alegria e fazer a revolução! De dentro para fora".

Já a artista visual Conceição Myllena considera que são inúmeras as contribuições que a categoria dá às lutas da população, identificando uma "maior responsabilidade social e consciência de classe" na construção de uma estética que dá poder ao oprimido, trazendo o tema para o cerne da discussão, isso quando o autor não figura como criatura da obra.

Myllena, que costuma trabalhar com performance, fotoperformance, vídeo-arte, entre outras formas de expressão visual, reflete a questão de como o artista brasileiro, que mora na Paraíba, "um lugar tão provinciano e machista", consegue lidar com tais temas. E ao responder à própria indagação, ela diz que é "vivendo o tempo presente, e isso não significa não ter represálias".

Ela afirma que esses são temas universais, macros, que nos atingem independentemente da localidade. "Temos nossas singularidades, mas nossas questões – plurais – nos atravessam e se identificam na profusão do mundo. Creio que não dá para quantificar, é algo muito subjetivo, mas acredito que nós artistas paraibanos temos sim contribuído para o pensamento estético que visa romper com os paradigmas do atraso", destacou a artista.





PRÁTICA LATENTE E PULSANTE

A manifestação das lutas individuais e coletivas na arte visual do estado, de uma forma geral, não é algo tímido ou recente, mas latente, e que já vem de algum tempo. Segundo Cris Peres, que trabalha com gravuras, escultura e performance, a produção artística paraibana sempre buscou por isto, seja na importante ascensão técnica das décadas de 1980 e 1990, até os desdobramentos contemporâneos mais acentuados nas relações sociais das produções dos mais jovens.

Cris costuma abordar, em seu trabalho, a presença da mulher. Ela enfoca que as bandeiras devem partir da liberdade de expressão e da abertura aos desvios centralizadores. "E, nisto, a produção da Paraíba sempre esteve ativa, hasteando bandeiras importantes que contemplam a pluralidade expressiva. Esta produção nunca foi tímida e, sim, invisibilizada por estar fora do eixo. Acredito que toda expansão para lá do ordinário se torna mecanismo libertador e tensiona as paralisias do sistema", reforçou.

Para ela, é necessário identificar os pontos frágeis da sociedade e buscar reajustes, como eixo de luta e representatividade. E, desse modo, ela justapõe outros relevos acerca da presença feminina no âmbito social e na produção artística do estado. A artista salienta que, para além da polissemia empregada à palavra "bandeiras", ela acredita mais na sinalização dos espaços e narrativas que precisam

existir com autonomia. "Isto envolve toda diversidade comum à nossa sociedade que, ao longo do tempo, foi sendo marginalizada pelos cânones pré-estabelecidos".

TENDÊNCIA MUNDIAL

O artista visual Everton David enfoca que "mais do que nunca, a arte paraibana está envolvida com a sociedade e suas questões". Segundo ele, que utiliza suportes e linguagens como a escultura, objeto, instalação, performance, fotografia e vídeos, essa é uma tendência vista em todo o mundo. "E, ao contrário do que muitos imaginam, ela não é recente. A arte, de uma forma ou de outra, sempre esteve ligada ao campo social, fosse apenas uma representação da vida em sociedade ou até mesmo a problematização de questões densas e complexas. No contexto

da Paraíba, eu vejo muito a produção jovem e de arte contemporânea completamente ligada a essas bandeiras".

Ao falar das abordagens feitas em sua produção, Everton David conta que trabalha com o existir da sociedade, atravessando contextos sociais e as tais bandeiras, preferindo deixar camadas abertas e enfocar temas que acredita serem pertinentes dentro do eixo poético. "Tenho uma preocupação de falar sobre meu ponto de vista, mas não costumo deixar a obra fechada, sendo aquilo e acabou... gosto da ambiguidade, da dúvida, das livres interpretações, de oferecer mais perguntas que respostas ao expectador".

O artista visual disse que tem mencionado muito sobre questões de saúde e cura, corpo, as relações socioafetivas e a maneira como a sociedade se relaciona com a natureza. Daí a justificativa porque em seus trabalhos mais recentes é comum observar - entre a lista de materiais, signos e símbolos - a adoção de embalagens de medicamentos, itens hospitalares e também elementos naturais como galhos de folhas, flores, entre outros. "Mas também caminho por contextos dos sistemas político e sociais (LGBTQIA+) e também sobre o próprio circuito da arte", acrescentou.

Everton ressalta a importância de o artista visual assumir tal postura, de expor inquietações e polêmicas da sociedade humana no fazer artístico, uma vez que muitas das questões abordadas "são majoritariamente de minorias invisibilizadas e, na arte, essas vozes podem ser ouvidas, ou não, mas de alguma forma ganham espaços de representatividade".

"Externar a dor ou a culpa

CONTRIBUI COM A CURA DAS PRÓXIMAS GERAÇÕES"

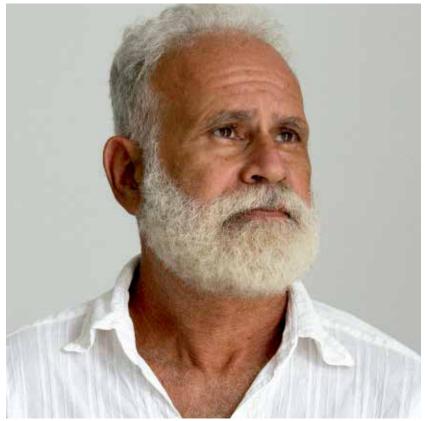
Ao analisar o tema dentro do contexto nacional, a artista visual Conceição Myllena afirma que o Brasil é um país fundado no colonialismo, que tem por base a subserviência; é racista na essência, conservador da hipocrisia e do falso moralismo; desacredita na mulher, tem dívida com os povos negro e indígena. "Então, o fato de eu ser mulher, latina e nordestina, de pensar e fazer arte, já vai de encontro ao pensamento vigente, que nos quer submissas, impotentes e estéreis. Estamos criando, e isso já é bem revolucionário", frisou.

"Cada artista traz à tona em sua poética a dor ou a culpa que lhe atinge mais, e falar disso é contribuir com a cura das próximas gerações. E sim, é um atitude comum, latente. Os artistas estão cada vez mais entendendo a necessidade de refletirem a contemporaneidade, o tempo (e a luta) que presenciam", completou.

Segundo ela, a postura mais crítica e politizada do artista visual está alinhada a um propósito maior, de conscientização e aperfeiçoamento do ser humano, enquanto criaturas falhas. Se a arte visual, ou arte como um todo, contribui para o entendimento e o respeito às diferenças, ela frisa que "evoluímos como sociedade e todos ganham".

Para o pesquisador Dyógenes Chaves, os artistas sempre estiveram ao lado das pautas humanitárias, de forma veemente e até apaixonada

FOTOS: EDSON MATOS/ARQUIVO A UNIÃO





Ricardo Peixoto e uma obra da série 'Cabeça de Lagartixa' (abaixo): "Vim espalhar alegria e fazer a revolução! De dentro para fora"

MAIS APRENDIZADO

Já o fotógrafo Ricardo Peixoto, ao se referir à cena cultural, de uma forma geral, diz que a produção é pulsante, mas hora intensa, hora pontual, desenvolvendo-se de forma "(in)consciente em todos os tempos - de geração a geração". Ele enfoca que o legado da arte sempre cumpriu a sua razão de ser e não parecer e sua essência está na transformação, evolução e expressão do ser humano.

Quando se volta especificamente à arte visual paraibana, o fotógrafo destaca que ela inquieta e que seu legado muitas vezes fica dependendo das políticas públicas ou privadas para fazer acontecer enquanto movimento. "Ações pontuais ainda sinalizam que temos uma longa jornada de aprendizado, ajustes e mudanças a serem tomadas sem o medo das crenças errôneas, sem o medo de errar e com a vontade infinita de voar", pontuou Peixoto.

FOTOS: ARQUIVO PESSOAL-DIVULGAÇÃO



Motivações e criações

São várias as motivações que levam o artista visual paraibano a erguer "bandeiras" no trabalho que produz. Tal postura pode ser apenas uma fase na carreira do profissional, ou ser uma marca. Atuante desde 2012 nas artes visuais, Conceição Myllena declarou que a insatisfação e revolta com as injustiças eram sentimentos inerentes a ela, e a arte sempre esteve presente em sua vida. Porém, nem sempre usou a arte como "estandarte para sua fúria".

No entanto, nunca deixou de enxergar a arte como um espaço onde tinha liberdade de gritar e reivindicar mudanças. Defensora dos direitos da mulher, Conceição afirma que é feminista e não vê como não lutar pela equidade de gênero, sobretudo em um país onde as taxas de feminicídio só aumentam. Ela confessou que lamenta e sofre pelo fardo de as mulheres não poderem andar tranquilamente nas ruas, sem o medo de terem os corpos violados por palavras ou ações. Daí vem o impulso que traz inspiração para seu trabalho.

O alerta representado em suas obras não está, porém, apenas na equidade de gênero. Ela conta que levanta todas as bandeiras que julga necessárias, ao mesmo tempo que têm consciência de seus "limites". "Compreendo meu lugar de fala como mulher branca e cis (cisgênero), buscando ser aliada dos movimentos que não faço parte, abraçando-os".

A artista afirma que não se enxerga como uma artista "panfletária", ou seja, suas críticas não têm prazo de validade. "Os problemas do Brasil, infelizmente não caducam. E isso veio naturalmente, principalmente após esse trágico momento político que vivenciamos desde o golpe de 2016, e que parece não ter fim. Posicionar-me frente às injustiças que pairam no meu país tem sido cada vez mais necessário e, se eu posso, deixo a arte falar no meu lugar, pois sei que minha voz ecoará mais forte".

E como cada trabalho realizado tem uma natureza distinta, ela lança mão de diferentes formas de expressão. Ações performáticas, por exemplo, às vezes é adotada para que a ideia tome corpo de maneira mais ampla. Mas em outros momentos, Conceição precisa expurgar o conflito construindo objetos densos, ou quebrando e costurando outros, com a finalidade de reparar danos maiores. "Nos meus trabalhos recentes, por exemplo, Tessituras: Em Obras, faço tais reparos em paredes/placas com rachaduras como metáforas para os escombros sociais dos espaços, entrelaçando nossos corpos políticos. Pois, quando tentamos consertar algo, chamamos atenção paras rachaduras sistêmicas", explicou.



Guto Oca aborda o racismo em sua obra, iniciativa que partiu de experiências pessoais; na foto maior, a obra 'Chinelo', de autoria dele



Já Flaw Mendes tem, em sua produção, o registro de sua ancestralidade negra. Ele versa sobre os acontecimentos "dos agoras", e envolve--se em questões ligadas "às filosofias e à cosmovisão africanas, que têm uma estreita ligação com a dos povos originários da américa". "Desta maneira alinho minha produção com bandeiras mais ligadas a questões raciais, ambientais, relacionadas à luta contra os preconceitos e contra o autoritarismo", ressaltou.

Quando indagado sobre o que o conduz a enfocar tal temática, ele responde: "Geralmente, levo comigo o que me leva a produzir. Levo comigo um senso de justiça; levo comigo um punhado de empatia e respeito pelo outro; levo comigo a utopia de uma vivência plena para o maior número de pessoas; levo comigo o que me atinge em afeto... e todas essas coisas me levam a produzir e querer transformar o que nos destitui da plenitude".

E para atrair o olhar do público, ele utiliza, sobretudo, o elemento do "estranhamento", aquele que desloca a percepção, que leva para um "lugar desconhecido, desabitual, como essa palavra".

Semelhante a Flaw, Guto Oca ergue, em sua produção, a luta contra o racismo. "A importância em levantar bandeira em meu trabalho se dá a partir da ideia de que a arte é um campo, um espaço que me permite expressar minhas experiências para o mundo, através da criação de símbolos, de formas que me conectam com o outro. Assim, criamos redes, criamos lugares de encontros e confluência".

POR QUE ERGUER "BANDEIRAS"?

"Levanto todas as bandeiras que julgo necessárias. Sou feminista e não vejo como não lutar pela equidade de gênero, sobretudo num país onde as taxas de feminicídio só aumentam. Lamento e sofro cotidianamente pelo fardo de nós mulheres não podermos andar em paz nas ruas sem o medo de termos nossos corpos violados, sejam por palavras ou ações"

- Conceição Myllena.

"Reivindico sempre meu lugar de fala que opera na condição em ser mulher, negra, nordestina e artista. O que metaforizo no meu trabalho com a discussão dos vazios, da cor preta das impressões enquanto figura e não fundo, da atenção às narrativas advindas dos apagamentos e do olhar aos descartes, apresenta o mote dado que minha produção mobiliza"

- Cris Peres

"Meu trabalho está no existir da sociedade, e ele atravessa diversos contextos sociais e 'bandeiras'. O que me motiva, acredito que está inserido dentro dessas minorias. Mas sem sombra de dúvidas, é uma formação política e social que me mantém atento a esses contextos, e me posiciona num local de fala/ vivências"

- Everton Davi

"Sou um artista que versa sobre os acometimentos dos 'agoras'. Desta maneira, as temáticas que abordo advém das demandas sociais mais urgentes no momento. Os meus anseios, reflexões, inquietações e posicionamentos, ou seja, o que me atravessa é transportado para minhas obras. Fazendo um recorte desse instante, me vejo envolto em questões ligadas as filosofias e a cosmovisão africanas"

- Flaw Mendes

"Registro a luta contra o racismo, a partir de minhas experiências, para assim poder dialogar com outras pessoas que possivelmente tenha passado por situações de violência. A inspiração para a minha atitude nesse sentido, surge através da minha existência enquanto artista. Existir para resistir"

- Guto Oca

"Não vim a este mundo para ficar em cima do muro, ou apenas esperar que tudo caia do céu. Vim espalhar alegria e fazer a revolução! De DENTRO para FORA. O que me inspira são as pessoas que vieram antes de mim... plantando, semeando e colhendo os frutos de hoje... As pessoas da minha geração e das novas que me ensinam todos os dias a ir devagar e sempre... GRATIDÃO pelos ensinamentos e exemplos inspiradores de vida" - Ricardo Peixoto

QUANDO A DEFESA DAS DEMANDAS SOCIAIS ESTÃO IMPLÍCITAS

O artista, independentemente de extravasar, ou não, na produção seu "olhar" sobre as temáticas demandadas pela sociedade, costuma ser uma pessoa sensível à questões de desigualdades, violência e injustiças. Por isso, ele (in)conscientemente já representa em seu trabalho, seja pelas cores, traços ou fases por que passa, suas inquietudes, reflexões e percepção do mundo. A artista plástica Alena Sá afirma que tudo está intrínseco na mentalidade do profissional.

"Não estou dizendo que são todos, mas o próprio artista, por ter uma mentalidade mais aberta, por enfrentar preconceitos pelo simples fato de ser artista e resistir, já é uma bandeira. Já tem uma postura contrária a qualquer preconceito, a qualquer tipo de violência".

Com mais de 30 anos de carreira, ela diz que o trabalho dela não expressa necessariamente algo social. "Cada fase nossa, seja de uma cor ou um traço, a gente já expressa algo de uma forma subjetiva. Meu trabalho, assim como a de outros artistas, tem uma expressão, mas não de forma direta", frisou.

Historicamente, as pautas humanitárias

SEMPRE ESTIVERAM AO LADO DA ARTE

O artista plástico Dyógenes Chaves afirma que antes de tudo é preciso dizer que os artistas, em sua maioria e independentemente da área de atuação, sempre estiveram ao lado das pautas humanitárias, de forma veemente e até apaixonada, fossem elas de quaisquer matizes. Segundo ele, que também é pesquisador, tem sido amplamente documentada e conhecida, ao longo da história, a atuação desses artistas em pautas e bandeiras de lutas nas áreas da política, meio ambiente, direitos humanos, liberdade, entre outras.

"Quem não conhece uma música de protesto? Ou uma obra de arte denunciando o fascismo? A *Guernica*, de Picasso, é o melhor exemplo. Sim. Todos conhecemos obras que 'gritam' contra o racismo, a violência, o nazismo, o desmatamento... a favor da demarcação de terras indígenas, da reforma agrária, a favor da liberdade de expressão, entre tantas lutas", declarou.

Porém, no Brasil, e na Paraíba em es-

pecial, Dyógenes diz que deve-se deixar claro que quase todos os artistas visuais já produziram (ou produzem), vez ou outra, obras defendendo "bandeiras" ou pautas humanistas ou engajadas. "Mas isso não quer dizer que transformaram toda sua vida em prol de alguma bandeira", completou.

Ele cita os exemplos de Frans Krajcberg (1921-2017), polonês que viveu no país, e teve toda sua vida dedicada à luta contra o desmatamento; e o de Cláudia Andujar (1931), fotógrafa suíça radicada em São Paulo, que vive há décadas registrando o povo Yanomami, na permanente luta contra sua extinção.

Na Paraíba, ele salientou que deve-se destacar a produção do pintor e gravador Hermano José (1922-2015), que era fervoroso ativista do meio ambiente, em especial pela preservação do Cabo Branco, monumento tão presente em suas pinturas, aquarelas, gravuras e poesias.

"Há notícias de artistas da década de 1960 rendendo homenagem ao poeta Garcia Lorca, assassinado possivelmente por causa de sua orientação sexual... e também do movimento pelo fim da pesca da baleia, no início dos anos 1980, deflagrada por artistas e sócios da Associação Paraibana dos Amigos da Natureza (Apan)", exemplificou.

Onde mora o preconceito?

A própria função de ser artista pode ser, perante uma parcela da sociedade, motivo de preconceito e, por si só, estopim para hastear bandeiras na arte visual. E tal realidade parece tomar fôlego recentemente no Brasil. É o que diz Flaw Mendes ao falar da onda conservadora que tomou força no país e que, segundo ele, destila uma intolerância inconcebível à arte contemporânea. "O preconceito contra a arte está instalado no atual governo brasileiro, que é pífio de compreensão. Não consegue entender a cultura em sua amplitude, deixando todo um universo de conhecimento e diversidade ancorados em maus gostos pessoais".

E o que dizer daqueles que fazem da arte, uma forma, permanente ou momentânea, de protestar contra as mazelas humanas? "Sofri e sofro preconceito em diversas situações. Levantar a bandeira contra o racismo, não só em meu trabalho, mas no dia a dia comum, às vezes causa certo espanto, pois muitas pessoas conti-

nuam vivendo em suas bolhas e promovendo racismos. O racismo estrutural está impregnado na nossa sociedade, é uma base que tem alicerce", alertou o artista visual Guto Oca.

Da mesma forma, Everton David confessou que, quando trabalha com questões voltadas ao corpo, sente um "leve desconforto" das pessoas em absorver as proposições. "E sem dúvida, isso nasce muito sobre o tabu do corpo nu. Para mim, é importante porque, primeiramente, meu corpo é uma espécie de suporte para minha obra e, segundo, porque é meu objetivo mesmo tratar desses tabus, quebrar preconceitos, abrir o diálogo sobre o tema".

Já Cris Peres, que costuma reivindicar o papel da mulher na sociedade, a palavra mais adequada nas experiências que já vivenciou seria "desdém" e não exatamente um (pré)conceito sobre seu trabalho. "Parece tácito a sociedade não digerir a presença de uma mulher em lugares comuns ao patriarcado, exercendo força física, intelectual e poética. O desacreditar sem dúvida vem sendo um solo que transito diariamente. Porém, estou sempre atenta, como disse Conceição Evaristo: 'A noite não adormece nos olhos das fêmeas."

Alexsandra Tavares é jornalista, repórter do Jornal A União e do Correio das Artes. Vive e trabalha em João Pessoa (PB).



PARA ELUCIDAR OS REINOS DA LINGUAGEM

Sérgio de Castro Pinto Especial para o *Correio das Artes*

Gaúcho de Alegrete e
imortal da Academia
Rio-Grandense de
Letras, o poeta Élvio
Vargas destrincha
suas influências
e comenta sobre
agremiações e
vanguardas em papo
exclusivo



om quatro livros publicados, o poeta nascido em Alegrete (RS) Élvio Vargas se define como "um assíduo e atento investigador de todos os bosques das almas" neste papo com o também poeta Sérgio de Castro Pinto.

Ocupante da cadeira de nº 6 da Academia Rio-Grandense de Letras, seus poemas estão impressos em outras 50 obras, para além de seus próprios livros. Seus escritos também já foram traduzidos para o alemão, inglês, francês, italiano e espanhol e chegaram a ser estudados pela PUC-2012, de onde saiu o ensaio 'O som da folha quando cai'.

Nesta entrevista ao colega paraibano, o gaúcho – que mora em Porto Alegre desde 2001 – fala sobre sua poesia, influências, agremiações e os movimentos de vanguarda, como o concretismo.

A entrevista

- Há poetas cujas influências são palpáveis, nítidas, percebidas a olho nu. Não é o seu caso, que parece converter as influências em confluências. Mesmo assim, eu pergunto: quais as suas influências iniciais?
- Minha vida sempre foi uma sucessão de desencontros muito bem sucedida... inclusive, nos poemas. Rentabilizei o que parecia ser acidental, quando escrevi um pensamento para uma das minhas primeiras amadas! Após alguns escritos, surgiu algo tão novo, mágico que hoje considero "um inefável convite para elucidar os reinos da linguagem!". Eu tinha 15 anos... e o quase epigrama materializado naquele horário foi este: "Só a ponte conhece o segredo dos afogados...". Dali mais uns dias:

Ventre de Louça

Tem uma criaturinha presa no relógio com braços franzinhos e olhos perenes. Pulsa com ela um coração azul com tique - taques de brinquedo. Seus lindos pulmões de música sopram com força a grande primavera da vida. Seus sonhos de madrepérolas sonham ainda pequeno a grande canção do segredo. O pêndulo baila ora em cima, ora em baixo riscando seu lindo ventre de louça. O pêndulo pára fazendo em mim uma mágica fenda na minha infância de porcelana... (Inaugurei, a partir de então, as fundações da minha poesia sinestésica)

O poeta Élvio Vargas é um leitor de textos teóricos? De ficção?

- Gosto muito dos textos teóricos... e com eles, aprendi algumas lições para esta estranha arquitetura dos meus versos. Entre os poucos narradores de minhas leituras, nomino-os: Sergio Faraco, Alcy Cheuiche, Aldyr Schlee... Juan Rulfo e o seu clássico "Pedro Paramo"... Não sou leitor de romances, pois procuro muito a poética, sendo assim... leio poetas! Adolfo Bioy Casares, um contista argentino, amigo e contemporâneo de Jorge Luiz Borges, com sua narrativa de realismo fantástico me hipnotizou quando li "A Invenção de Morel". Os grandes garimpos da minha poesia estão na minha mitologia pessoal e daqueles(as) com quem convivo. Em alguns poemas, eles estão derramados por inteiro... em outros, velados. Leio e conheço muitos(as) poetas, mas não tenho a leitura que deveria, sou um assíduo e atento investigador de todos os bosques das almas... e só isto me basta!

- Nas décadas de 1960 e 1970, a juventude era marcada por um acentuado sentimento grupal: grupos de poetas, de artistas plásticos, de teatro etc. Aí, no Rio Grande do Sul, mais especificamente na cidade de Alegrete, sua terra natal, você integrou algum grupo?
- Eu nunca pertenci e nem pertenço a grupos literários. Na época do meu nascimento literário, Alegrete era um reino à parte e segue imerso na sua alteridade uma Avalon fronteiriça. Ocupo a cadeira 6 na Academia Rio-Grandense de Letras, a terceira mais antiga do país, justamente pela minha condição de poeta, e não pelo convívio escritural destas agremiações. Nada contra elas... o meu "construto lírico é tão solitário e doído"... na sua unidade concentrada de fruição, ideia, música e linguagem... que qualquer brisa oriunda do mundo externo causaria desequilíbrio na sofrida alvenaria das minhas fundações...

- Para você, o que as vanguardas representam. Mais exatamente o concretismo e seus desdobramentos?

 Eu fui me entender, enquanto poeta, diante das vanguardas e dos seus desdobramentos, quase tarde demais! Estas, me interessam mais pela curiosidade poética e registros de conhecimento do que a sua essência em si... Lacy Osório foi um poeta alegretense que muito me incentivou, após a leitura de alguns textos meus. Deixou uma vasta obra de poesia social! Equilibrava os seus poemas entre o lirismo e os flagelos de nossa sociedade. Esculpia sua linguagem com belas imagens sustentadas por uma estrutura sinfônica rara. Equiparava-se, em grandeza, ao Mario Quintana, mas devido ao seu perfil, foi preso várias vezes e excomungado da vida militar, com um planejado apagamento da vida literária. Anos mais tarde, ressurgiu com a devida força e o merecido lugar para seus versos. Sempre ouvi dele: A poesia tem que ter mensagem, síntese e sugestão... leiam Maiakoviski...

O que representa, para você, a obra de Mario Quintana?

 O Mario Quintana foi um dos maiores poetas brasileiros e qualquer comentário aqui é mínimo diante do belo ensaio de Sérgio de Castro Pinto sobre a sua vida e obra...

Élvio

O Juízo Final

Quando me chamaram para viver vieram junto comigo um par de sapatos rotos e um anjo de asas caídas vestido apenas por um céu de azul turquesa. Deram-me ainda ...um punhado de poemas e meia dúzia de canções. Registrado fui com este desejo forasteiro que me aprisiona num destino sem remissão Por estes casarios da memória vou encontrando vidas e nomeando os sonhos para a ceia do dia a dia. Quando me chamarem novamente levarei ao juízo final os sapatos magicamente empoeirados pelos segredos dos caminhos e num rápido trailer passarei em curta- metragem os melhores dias de minha vida tocados pela trilha sonora do coração e embalados pela doce brisa de um sopro de asas do anjo que um dia aprendeu a voar...



Na época do meu primeiro colégio as manhãs se acordavam com a gente. Existia para elas uma música desajeitada nascendo na alvorada dos carretos que iam fretando aos poucos os sonhos leves da infância. O sabor era inconfundível - café com leite e um avental bem engomado o resto era enfrentar o olhar sisudo das maestras. Dona Ana com sua sineta benzia o reboliço das filas. Lúcia, com seu olhar Incendiava minha paixão de guri. Lá bem do fundo dos corredores vinha a Catarina, que não era da Rússia

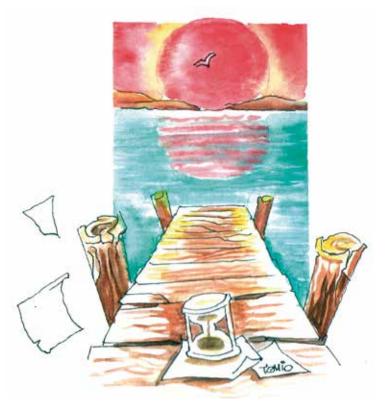


era de todos nós.
Do João Pedro, do Ivaldo, do José Júlio
do Joás, e mais tantos
inclusive os já matriculados
no educandário da outra vida.
Na época do Demétrio Ribeiro
os crepúsculos tinham um gostinho de picolé
e as tardes aquela vontade de andar com os pés descalços.
Com elas a ternura brincava de ciranda
num sério descompromisso com a vida.
Hoje assistimos o desfile de nossas estações
e por estas manhãs e crepúsculos
vamos soltando nossas últimas pandorgas...

/argas

O poema dos 40 anos (em diante)

Quando a vida desabrocha aos cachos e o destino traz as notícias da manhã vamos fazendo a chamada dos nossos antigos anos letivos. A sensualidade nos tempos de hoje não é serena, é comportada. A paixão e o desejo se espreguiçam quando o sol levanta mas...podem ser fatais quando ele se põe. Quando tudo isto aporta na ternura silenciosa do nosso cais sobram para as emoções carregarem as malas pois ai...começamos a ser hóspedes efetivos da nossa sobrevivência e pelo resto de nossos dias vamos lendo os capítulos épicos de nossas próprias aventuras.





Profana

Lentamente dissipou-se o véu vencido pela clarão da manhã. Os meus reinos ardiam em chamas palácios, coxias, cocheiras mergulharam à mercê dos saques. Um vento nervoso, ofegante lambia a rosa do seio eu me exibia, navegando nua nas profundezas do espelo - abissal, abissínio, abismal-O centurião das sombras penetrava-me e um fogo úmido escorria pelos súditos das minhas carnes. Trêmula a barriga da perna soçobrava sobre a leveza dos lençóis. Ventre, púbis, ilíacos rodopiavam aguados no pântano morno das secreções. Os brancos continentes da pele derretiam-se ao leve toque da labareda. Meus orifícios sucumbiam esvaídos de orgias e pêlos. As coxas torneadas comprimiam o feroz exercício do desejo. Uma corte toda rezava e os súcubos aplaudiam. A Igreja e o santo ofício queimavam gravetos e lenhas. Não vim para ser Maria Joana, Efigênia deixarei apenas vestígios de profana...





Élvio Vargas é poeta e tem quatro livros publicados, além de participações em mais de 50 obras. Seus poemas foram traduzidos para o alemão, inglês, francês, italiano e espanhol. Ocupa a cadeira 6 na Academia Rio-Grandense de Letras. Foi patrono da feira do livro de Alegrete, em 2007, e homenageado especial neste evento no ano de 2011. Seus poemas chegaram a ser estudados na PUC-RS, através do trabalho 'O som da folha quando cai', de autoria da mestranda Daniela Damaris Neu.



Clemente Rosas

Especial para o Correio das Artes



receita que nos propõe Carlos Pena Filho para vencer a solidão – *entrar no acaso e amar o transitório* – não parece fácil de seguir. Como amar a labilidade daquilo que, como a areia, escorre entre nossos dedos?

Esta reflexão me vem ao perceber quanto é, na verdade, efêmero o sossego que me apazigua a alma neste refúgio da Praia Formosa, onde me instalei, para não mais sair, já se vão quatro anos. Está em construção avançada um edifício em três blocos, de quatro e dez andares, apenas após uma pequena casa à esquerda da minha morada. Uma vez construído, abrigará mais de cem famílias de veranistas ou habitantes permanentes.

Ao mesmo tempo, anuncia-se a venda, em lotes, do que resta do sítio que foi do meu tio, hoje pertencente a um norueguês conservacionista e sua esposa, uma francesa simpática. Os donos envelheceram, não passarão mais os verões neste paraíso tropical que tanto apreciavam. E teremos que dar adeus a um pomar de cajueiros, mangueiras e coqueiros que hoje nos servem quase como uma extensão do quintal.

A construção, situada a sotavento da nossa casa, não incomoda tanto. A poeira não nos chega, e os sons perturbam menos que a alvorada extemporânea do galo do vizinho. Mas não posso esquecer que, daqui a um, dois anos, terei

um fluxo de aproximadamente quinhentos banhistas, ruidosos e bisonhos, no meu retalho de praia. E as minhas caminhadas e braçadas não mais contarão com o mesmo sossego.

Hoje, caminho quilômetros em praia quase deserta. Nos meses fora da temporada de verão, quando menos de 20% das casas permanecem ocupadas, defronto-me apenas com poucos pescadores que lançam suas tarrafas, ou recolhem suas redes de espera, às vezes pejadas de sardinhas. Eventuais banhistas solitárias, que expõem seus corpos seminus às carícias da brisa e beijos do sol, não molestam o caminhante, bem ao contrário.

O que devo esperar, no entanto? O amigo vento, contrariamente ao que diz a modinha, pode afagar multidões, mas não mais procurará por mim. Virá poluído pela fumaça de cigarros e fogareiros improvisados, palavrões de "peladeiros", buzinas e roncos de automóveis, canções pornográficas de extremo mau gosto. É para onde o acaso e o transitório nos levarão, amantes da natureza, pobres espécimes diferenciados, remanescentes da infeliz espécie humana predadora.

Não adianta sonhar com a criativa e ingênua proposta do poeta popular Jessier Quirino, que nos convida a voltar para o passado, onde se tem muito mais futuro. Melhor conformar-nos com a dolorosa constatação do poeta maior Jorge Luís Borges, formulada nos dois últimos versos do seu belo soneto "El Instante":

El hoy fugaz es tênue y es eterno Otro cielo no esperes, ni otro infierno. 🗷

Clemente Rosas Ribeiro nasceu em
João Pessoa, em 27 de setembro
de 1940. É formado em Direito pela
Universidade Federal da Paraíba e
pós-graduado em Desenvolvimento
Econômico. Foi Procurador-Geral da
Sudene. Integrou o grupo de poetas
conhecido como "Geração 59". Publicou
'Praia do Flamengo, 132', 'Coco de roda',
'Administração & Planejamento' e 'Lira
dos anos dourados'. Mora em Praia
Formosa, Cabedelo (PB).



O bico ensanguentado de 'O Pássaro Secreto', DE MARÍLIA





empre que lemos um texto literário, é comum, a nós, professores de literatura, imaginá-lo como parte do nosso conteúdo curricular. Pois bem, à medida que avançava na leitura de *O Pássaro Secreto* (Rio de Janeiro: José Olympio, 2021), o mais recente romance de Marília Arnaud, vencedor do Prêmio Kindle de Literatura, edição 2021, despertava em mim o desejo de lê-lo junto aos alunos do ensino médio, por diversas razões, dentre as quais destaco a temática. Alinhado a esse desejo, um desafio também ia se colocando: como lidar com a possibilidade real de o livro gerar conflitos emocionais no jovem-aluno-leitor? É certo que encarar esse tipo de desafio faz parte do nosso cotidiano em sala de aula e é igualmente certo que isso demanda de nós uma preparação

que, muitas vezes, extrapola os conhecimentos de literatura e recai em outros campos do saber.

ARNAUD

Obviamente, esse tipo de experiência não se restringe ao romance em questão, pelo contrário, pode ser recorrente na leitura de todo e qualquer texto literário, porque a recepção estética e o exercício da interpretação são atributos do leitor e envolve suas questões particulares, sua vida, que é individualizada em sua essência, e o professor, por mais que queira, não consegue acessar as individualidades dos seus alunos em profundidade.

> No contexto específico a que me refiro – a leitura de *O Pássaro Secreto* por

jovens estudantes do ensino médio - essa questão se potencializa porque o livro é um romance de formação que narra a história de crescimento e amadurecimento de uma personagem, apresentando os dilemas próprios do longo caminho trilhado em sua constituição física, emocional, psicológica, ética, moral etc. O desafio para o professor de literatura se coloca, portanto, frente à situação em que uma menina em formação (protagonista) fala diretamente em primeira pessoa para um outro ser em formação (jovem-aluno-leitor), configurando, assim, um campo propício para identificações com as diversas temáticas representadas no romance, que incluem relações familiares, de amizade e com colegas na escola, mas, também, gostos, ideias, posturas diante dos problemas, relação com o corpo, ideologia, valores e princípios, ou seja, um conjunto de fatores responsáveis pela construção da personalidade do ser humano.

Ao refletir sobre a literatura como direito humano, Antonio Candido¹ chama atenção para o fato de ela desempenhar um "papel formador da personalidade, mas não segundo as convenções; seria antes segundo a força indiscriminada e poderosa da própria realidade". Nesse sentido, a litera-

Mais novo livro da paraibana Marília Arnaud foi vencedor do Prêmio Kindle



clarisser

tura não pode ser encarada como uma "experiência inofensiva" e tal argumento auxilia na tese mais ampla de Candido sobre a função humanizadora da literatura, de cujos traços essenciais podemos destacar um: "a percepção da complexidade do mundo e dos seres". Humanizarmo-nos por meio da literatura não significa tornarmo-nos mais felizes ou mais tristes, melhores ou piores. Longe de fazer qualquer juízo de valor, a meu ver, humanizarmo-nos, pela literatura, significa desenvolvermos nossa sensibilidade e nossa capacidade de pensar e é a estes exercícios que Aglaia Negromonte nos convida, todos nós leitores, incluindo professores e alunos.

E como (ou quem) é essa personagem? Toda a história parte de um autoquestionamento nesse sentido, conforme aparece já no capítulo dois do livro, quando a personagem se encontra em vias de completar 40 anos: "Há muitas perguntas para as quais continuo sem resposta. A primeira delas, a mais íntima e determinante, a mais antiga, a mais aflitiva desde a infância: 'Porque sou como sou?' Minha mãe fingia não me compreender e respondia com outra pergunta: 'Qual é o problema em ser como você é, filha?' E minha avó Sarita dizia: 'Sossega, Marrã, nem tudo neste mundo pode ser explicado' (p. 12-13). Aqui, a personagem já dá a chave para o que irá demarcar a configuração da sua persona durante a sua formação. Primeiramente, por ser acometida pelo autoquestionamento; segundo pelos dois exemplos apresentados (sua mãe e sua avó) como forma de anunciar o que passaria a ser inevitável em sua vida: lidar com o universo da incompreensão dos outros em relação a ela e de si mesma. No trecho citado, a resposta da mãe em forma de pergunta não resolve a questão e não melhora em nada a situação; e, mesmo sendo uma presença marcante na vida de Aglaia, a avó Sarita, que se mostra

FOTO: RODOLFO ATHAYDE/DIVULGAÇÃO

Obra de Arnaud é um romance de formação que narra a história de crescimento e amadurecimento da protagonista

amorosa, compreensiva, acolhedora, ao tentar desvencilhar a neta dessa busca incessante de encontrar as razões que fizeram dela o que ela é, também não resolve a situação da menina. Percebe-se, assim, que o livro traz para a cena central questões existenciais que geram os conflitos enfrentados por Aglaia em suas relações pessoais, chegando a, praticamente, inviabilizar tais relações, conforme vemos no trecho a seguir: "Desisti das pessoas; elas me causam exaustão psíquica. Não as enxergo

mais, sequer ouso encará-las, nem pondero mais sobre elas. Hoje [aos quarenta anos] faço perguntas banais. (p. 15)

São essas questões psicoemocionais que estão na base da construção dessa personagem e, para legitimá-las, a autora lança mão de uma voz em primeira pessoa, como uma adequação formal. É essa voz que nos conclama a conhecer a personagem, como ela mesma anuncia num exercício metaliterário: "Dizem que narrar é um modo de iluminar nossas >

¹ CANDIDO, Antonio. "Direito à literatura". In: Vários Escritos. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. Todos os trechos citados estão na página 178.

clarisser

zonas escuras, as palavras têm o poder de fazer cair o lençol branco das assombrações e escrever é uma forma de se desgarrar de si mesmo e se entregar" (p. 28). É essa voz em primeira pessoa que permite a Aglaia fazer da sua própria narração o seu meio de se enfrentar na sua relação consigo e nas relações com os outros e que tanto a angustiam. Os efeitos dessa angústia e que a colocam em situação de crise é por ela nomeado de "Coisa". Recorrente em todo o romance, essa "Coisa", grafada com inicial maiúscula, funciona como sintomatologia que leva a personagem a ter atitudes destoantes e, por isso, a tratamentos com psicólogos e psiquiatras, inclusive com passagem por clínica. E a essa sintomatologia que se deve o título do romance, ou seja, O Pássaro Secreto é "'A Coisa', que não resistia a momentos como aquele [...] pondo-se a dançar com extravagância, saltando retorcendo-se, castanholando, marretando as patas e arrastando o bico de lâmina no chão do meu peito, tatalando as rêmiges duras de horror, como se se preparasse para laçar voo, e girando sobre si mesma, girando alucinadamente, em velocidade cada vez maior, até o sangue começar a lhe espirrar pelo bico. Até tudo acabar". (p. 222). É do bico ensanguentado do pássaro secreto que a voz de Aglaia ecoa.

Dentre os elementos caracterizadores dessa personagem, a bagagem de conhecimentos vários, adquirida pelas artes, especialmente pela literatura e pelo cinema, faz dela uma menina extremamente sensível para as complexidades da vida, o que pode sugerir que ela não é a "louca" que supostamente (não) acredita ser, ou que querem fazê-la acreditar ser ou que pensam que é. E nesse afã de buscar respostas para o que a cometia por dentro, faltavam-lhe palavras que nomeassem o que Aglaia é e sente, logo a ela, a menina que faz das palavras uma espécie de ponte entre mim e o mundo. Vejamos o trecho: "Se ninguém

sabia da existência da Coisa, o que procuravam matar ou entorpecer em mim? Ainda que incapacitada para saber se aquilo que eu experimentava era sofrimento ou outra coisa para a qual não tinha nome, eu sabia, porque acreditava em minha avó..." (p. 243).

Essa ideia lembra uma passagem de José Saramago² que diz o seguinte: "Dentro de nós há uma coisa que não tem nome, essa coisa é o que somos" (p. 262). E a relação entre Aglaia e o que Saramago apresenta como uma tentativa de definir o que somos se dá pelo nome "coisa", mas não se restringe ao uso dessa palavra. Tanto a narradora de Arnaud quanto o narrador de Saramago buscam uma definição para o que são, e que remete, com perdão do exagero, ao que já propuseram as diversas áreas do conhecimento destinadas a refletir sobre o ser humano. Então, na condição de professora de literatura, e a partir dessa reflexão em que o romance de Arnaud nos coloca, o desafio de lê-lo em sala aula junto a jovens leitores em formação pode representar uma experiência interessantíssima, dada a possibilidade de dialogarmos com tantas outras áreas do saber e, como diz Candido, "penetrar nos problemas da vida".

Além da voz narrativa, o tempo é elemento importantíssimo para a configuração da personagem a partir de seus conflitos, como questão central do romance. Observemos que, no romance de Arnaud, há três instâncias temporais diferentes. Há o tempo do relato que se refere à protagonista numa espécie de hoje/agora, ou seja, aos quase quarenta anos; e há dois tempos da narração no passado, sendo que um se apresenta num presente verbal e se refere aos momentos em que Aglaia se encontra no hospital, aos catorze anos, e, pelo recurso do monólogo interior, busca compreender a situação que está vivendo; e o outro, no passado verbal, apropria-se do recurso do *flashback* para revisitar a infância e parte da adolescência. Como forma de demarcar essas instâncias temporais diferentes, a autora desenvolve um artifício literário surpreendente e que diz respeito à estrutura do livro: dividindo-o em vinte e seis capítulos, de forma que os ímpares são narrados em um tempo verbal e os pares, em outro. Essa estrutura permite ao leitor mais de uma maneira de ler o livro, por exemplo: na forma convencional, seguindo a ordem dos capítulos conforme estão apresentados; ou lendo apenas os capítulos pares, numa leitura; ou apenas os ímpares, numa outra leitura. Esse procedimento lembra, em alguma medida, O Jogo da Amarelinha, de Júlio Cortázar e, assim como o romance do escritor argentino, O Pássaro Secreto pode levar o leitor a experiências artísticas diferentes e, por isso, bastante curiosas.

Há muito a discutir sobre o romance de Marília Arnaud. Os elementos formais e a temática, somados a uma linguagem rica em poeticidade e os diálogos estabelecidos com outros textos, a partir das leituras referenciadas pela protagonista, conferem ao romance uma qualidade literária imensa. Numa interpretação um tanto breve a que me proponho aqui, chego à conclusão de que todos esses elementos estéticos confluem para um único fim: penetrar, com profundidade nas questões de Aglaia e, assim, compreender que, se o que somos e sentimos é essa coisa que não tem nome, é porque somos feitos de sentimentos os mais variados e imprevisíveis, decorrentes de relações que estabelecemos durante toda a vida. Eis, então, que Aglaia nos conduz a essa aventura tão humana que é enfrentar esses sentimentos que, muitas vezes, vivenciamos sem que eles tenham sido nossas escolhas. 🗷

Analice Pereira é professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Escreve sobre literatura e, vez ou outra, aventura-se pela ficção. Mora em João Pessoa (PB).

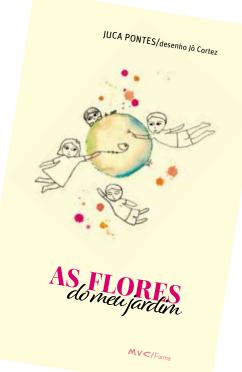
² SARAMAGO, José. Ensaio Sobre a Cegueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

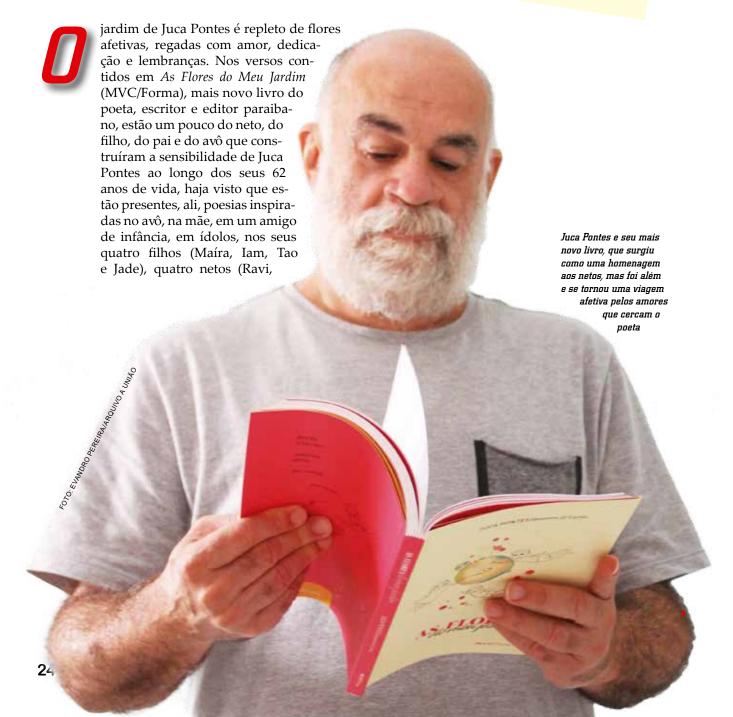
\Diamond

Juca Pontes e seu jardim de afetos

NOVO LIVRO DO POETA PARAIBANO VAI BUSCAR INSPIRAÇÃO NA INFÂNCIA, DELE, DOS FILHOS, NETOS E AMIGOS

André Cananéa andrecananea@epc.pb.gov.br





Maya, Ben e Joaquim) e dezenas de amigos próximos, nomeados no rodapé dos poemas.

Com ilustrações da artista Jô Cortez e prefácio da professora e escritora Ana Adelaide Peixoto, as 192 páginas do livro cheiram a infância, seja do autor, dos familiares ou dos amigos. "À medida que meus netos iam nascendo, eu rabiscava alguma coisa e, depois, vinha um poema, que seria minha homenagem a eles. Então, inicialmente, seria um livro para os meus netos", confidencia.

Foi nesse processo que Juca Pontes mergulhou nas lembranças da própria infância. "E essa infância serviu muito para o exemplo que eu transmiti para os meus filhos. Então essa coisa tem uma conexão, desde que eu estava na barriga da minha mãe onde, por incrível que possa parecer, foi ali que eu comecei a gostar de música, afinal ela ouvia muita música e eu absolvi aquilo, antes mesmo de nascer", pondera.

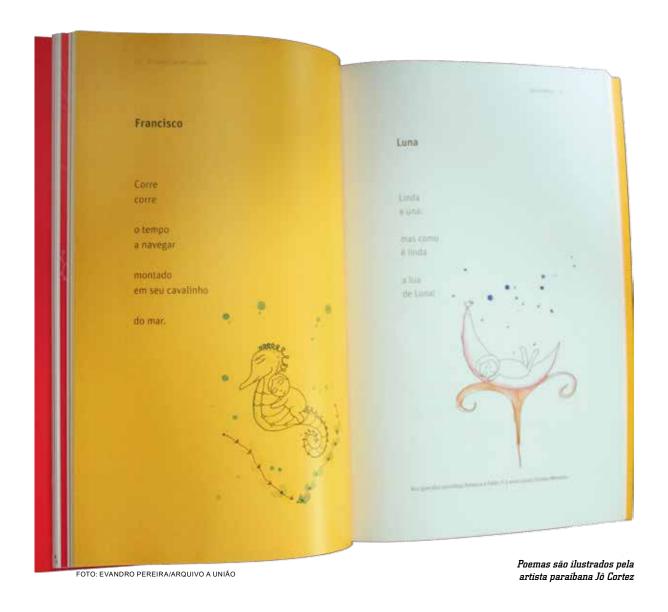
E são as referências regionais da música, assim como a arte, de maneira geral, abraçada pelo poeta, bem como a rede de amizades que perpassam outros poetas, jornalistas, escritores, artistas visuais, músicos, cineastas etc., que constituem o adubo desse belo jardim.

As raízes de Juca Pontes estão em Pernambuco, entre as cidades de Santa Cruz do Capibaribe e Caruaru, e na Paraíba, em Campina Grande, Catolé do Rocha e, por fim, João Pessoa, onde se estabeleceu e criou sua família a partir dos anos 1980.

Os pais de Juca moravam em Caruaru quando a mãe, dona Maria Lúcia, recebeu o chamado da natureza para ter o pequeno José Alves Pontes Júnior. Mas o caçula de dois filhos não nasceria na "capital do forró", e sim, na cidade que reclama o mesmo título, Campina Grande, onde o tio era anestesista da maternidade local e poderia dar assistência completa à irmã gestante e, em seguida, puérpera.

Juca, contudo, passaria sua infância e parte da adolescência em Caruaru, viajando com frequência à Santa Cruz do Capibaribe e também à Campina Grande, para visitar os tios. "Minha infância em Caruaru teria dois marcos: um, a música, sobretudo o forró, que aprendi a gostar vendo Luiz Gonzaga, ali, ao vivo; o outro, a arte do Mestre Vitalino, cujos bonecos minha mãe comprava na feira para eu brincar. Eram cavalos, bois, bonequinhos de pífanos... infelizmente, não tinha idade para entender o valor de arte que aqueles brinquedos tinham".

De Santa Cruz do Capibaribe,



vem o "coronel" Luiz Alves, avô materno do poeta, que ele não chegou a conhecer pessoalmente. "Ele foi um sujeito pioneiro por lá, abriu estradas, comprou o primeiro carro, trouxe a luz para a cidade... então embora eu não o tenha conhecido, ficou o gesto dele para a família, um exemplo que ele passou para minha mãe e, minha mãe, passou para mim e minha irmã".

O poeta foi criado praticamente pela mãe, apenas, uma vez que o pai deixou a família muito cedo. "Eu tinha por volta de seis anos quando ele saiu de casa", recorda, "então tudo que eu aprendi na vida foi com ela, e ela deixou duas coisas extraordinárias: que a beleza vem da simplicidade, o que eu acho algo grandioso; e que eu deveria valorizar tudo que fosse bom; 'o que não presta, você deixa pra lá', me dizia".

Quando Maria Lúcia morreu, Juca Pontes tinha por volta de 14 anos e acabou migrando para Campina Grande, onde foi criado pelos tios. Mais tarde, conheceria sua esposa e seria "adotado" pela família dela, em Catolé do Rocha, mesmo após a separação, quando ela partiu e deixou o poeta sozinho, criando as quatro crianças que hoje são pais e mães dos netos do poeta.

"O que eu aprendi veio da minha mãe, contando histórias do meu avô, e falando da importância que cada coisa tinha", reafirma. "Então tudo que eu sou, vem dessas lições, que transmiti aos meus filhos e, agora, aos meus netos".

"Essa ligação com os netos é algo que vai se ampliando. O amor pelo filho é um amor grandioso, mas é um cotidiano repleto de cuidados, então o pai tem que estar presente a toda hora. Já com os netos, há uma diferença. Afinal, para o avô, é brincar e ser feliz com os netos. Claro que a gente tem a mesma preocupação, mas aí tem os pais para tomar conta"



O que eu aprendi
veio da minha
mãe, contando
histórias do meu
avô, e falando da
importância que
cada coisa tinha"

Juca Pontes

EXERCÍCIO E INSPIRAÇÃO

Juca Pontes afirma não se encaixar em nenhuma escola de poesia ("Nunca tive essa pretensão"), mas é admirador do gênero literário desde a adolescência, quando começou a rabiscar as primeiras estrofes, inspirado na obra de poetas como João Cabral de Melo Neto, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira.

Também diz que seus poemas guardam inspiração nos conterrâneos. "Augusto dos Anjos é uma referência permanente, não na temática, nem na métrica, mas na sonoridade que faz com que a poesia crie um caminho", comenta, lembrando que chegou a editar uma reedição do famoso EU para a Academia Paraibana de Letras.

Premiada com o Jabuti e o Oceanos, Maria Valéria Rezende tem uma produção de haicais que encantou o autor de *As Flores do Meu Jardim - "É* meu livro de cabeceira", confidencia - assim como admira Sérgio de Castro Pinto ("Para mim, é o maior poeta vivo"), José Antônio Assunção, Políbio Alves, Hildeberto Barbosa Filho, Marcos Tavares, Violeta Formiga, Jurandy Moura e Jomar Souto, "que é outro grande poeta, uma referência permanente de poesia".

Para ele, o poema não é algo que nasce, como um passe de mágica. "Às vezes, eu acordo no meio da noite com uma coisinha martelando, que vou lá, e anoto. Essa é a parte da inspiração, mas o exercício é fundamental. Essa coisa de dizer que a poesia surge de uma inspiração não funciona comigo. Para mim, é um exercício permanente de criação, de muito trabalho", resume.

Dessa forma, quando saber que um poema está pronto? "Nunca está pronto", responde, de prontidão. "Chega um momento que eu penso: preciso publicar, senão, não vou publicar nunca, porque sempre acho que posso mexer numa coisinha ou noutra", responde o poeta, que é seu próprio editor, cuja habilidade foi desenvolvida ainda na escola, em paralelo com a poesia, editando o "jornalzinho" da Academia Paraibana de Poesia, ainda no estêncil.

Editorialmente, o livro, que levou mais de cinco anos para ficar pronto, é mais um grande trabalho de Juca Pontes, que costura, muito bem, as tipografias que compõem o texto com a jogada multicolorida das páginas e os desenhos de Jô Cortez. "É um livro que tem sensibilidade, então tem que ter suavidade", comenta. "Quando eu conversei com Jô, eu disse que as ilustrações precisavam interagir com os poemas, e que deveriam ser algo sensível, suave, e ela captou bem esse espírito".

A obra foi lançada, via internet, através do projeto "Livro Live" (veja box) no dia 29 de maio e está disponível no site da Livraria do Luís, em João Pessoa (acesse através do QR Code abaixo).



OS DOCES TRAÇOS DE

JÔ CORTEZ



Artista que ilustra As Flores do Meu Jardim, Jô Cortez traduz, em traços, cores e formas, os poemas de Juca Pontes. Paraibana de João Pessoa, graduada em Artes Visuais pela Universidade Federal da Paraíba e cofundadora da galeria de arte Louro & Canela, ela também faz parte do círculo de amizades de Juca Pontes há muito tempo, junto com o esposo, o arquiteto Jonas Lourenço. Mas foi através de uma boneca que surgiu a ideia da parceria.

O poeta procurava um presente para a neta que havia acabado de nascer, Maya, quando se deparou com uma formosa boneca de pano. Ao saber que era da amiga Jô Cortez, foi procurá-la e acabou recebendo-a de presente, que permanece com Maya até hoje (que a chama de Filomena). Ao reunir os poemas para o livro, a boneca veio à lembrança e Juca voltou a procurar Jô Cortez.

Radicada atualmente em Portugal, a artista, que estuda arteterapia e desenvolve projeto de arte vivência direcionada a crianças, tem sua obra pautada pelo estilo naïf e se caracteriza por abordar o universo lúdico dos sonhos, a partir do retrato de crianças, desenhadas com traços puros e suaves.

No prefácio, a escritora Ana Adelaide Peixoto diz que Jô Cortez, com seus traços de meninice, foi certeira nas ilustrações dos poemas. "Ilustrações de algodão doce. Tem ninho, passarinho, balões, linhas que sobem e que descem nas escadas das proporções. Uma casinha aqui. Umas menininhas a colar. Uma manchinha que se desloca. E se descola do branco. Do papel. Da página".

Mais à frente, a autora de *Brincos*, *Pra Que Te Quero?* e *De Paisagens e de Outras Tardes*, sentencia: "Parece guaches, parece pétalas. Parece sonhos. Parece filó cor de rosa. Ou azulzinho. Quanta delicadeza!"

LIVRO LIVE

O projeto "Livro Live" foi uma iniciativa de Juca Pontes junto à Livraria do Luiz, conhecido ponto de encontro de escritores, pensadores, intelectuais e leitores de obras paraibanas, afinal o estabelecimento é o que mais valoriza a escrita local.

Fechada em função das restrições impostas pela pandemia de covid-19, a Livro Live foi a alternativa para seguir agregando esse público, mesmo que virtualmente, através do lançamento de livros feito pelas redes sociais da livraria que, ao se adaptar à crise, passou e fazer entrega de livros.

"Foi na base da tentativa e acerto", recorda Juca Pontes, pouco mais de um ano após a estreia do projeto. "Em certo momento, percebemos que era mais produtivo se, antes do lançamento virtual, a obra começasse a ser vendida, para que durante o evento, as pessoas pudessem interagir mais".

As Flores do Meu Jardim inaugurou esse modelo, e assim tem sido desde então.



POESIA

Juca Pontes

Maricota

Acorda Maricota

larga esse sonho enfadonho:

de querer um dia virar cocota

Giban e seu grito de Tarzan

A árvore amiga lá de casa por pouco não reconheceu Giban vestido de Tarzan.

E olha só no que deu:

depois que ela o derrubou quase o braço ele envergou

Taosicha

O suave dourado dos seus cachinhos

fio a fio

se enroscavam nos sonhos da gente

Xuxu

A pimentinha Jade Maria vivia seu dia de fada madrinha

Fios dos rios

Com os fios do rio o arco-íris nos oferece seu formoso bordado

Brinquedo I

(Feira de Caruaru)

Por dentro do olhar de minha mãe o mundo florescia:

com os bonecos de Vitalino o tempo desenhava meu dia.





Andréa Nunes

Especial para o Correio das Artes



ussara bateu com mais firmeza na porta do casarão que ficava na parte alta da rua. Conferiu o endereço que pesquisara, e concluiu que só podia ser ali mesmo, naquele fim de mundo.

Ajeitou o xale cafona por sobre os ombros e se preparou para incorporar sua nova personagem assim que velhota atendesse a porta.

Com uma folha corrida que intercalava atuações em peças medíocres, fugas de agiotas e detenções por estelionato, Jussara acreditava ter sido uma grande

sorte ter sabido da história de dona Suzana, uma velha solitária que estava causando sensação na cidade. Suzana, diziam os vizinhos, enriquecera subitamente após a aquisição de uma misteriosa galinha, e passara a gastar em poucos meses mais do que gastara a vida inteira.

Dizia-se à boca miúda na cidade que a velha Suzana estava criando a galinha dos ovos de ouro, e mantinha o animal escondido de todos, sendo o galinheiro construído no lugar mais escondido do quintal do casarão,

• e os ovos da ave também nunca eram vistos.

Jussara era um golpista muito experiente para acreditar em
bobagens como aquela, mas o
simples fato de ter acesso a uma
velha solitária, com dinheiro sobrando e recém-adquirido, era
como acertar na loteria: uma
rápida pesquisa em cartórios, a
amizade com um parente distante da vítima e algumas buscas na
internet tinham dado a ela todas
as informações necessárias para
aplicar seu novo golpe.

Quando dona Suzana finalmente entreabriu a porta do casarão, com ar desconfiado, a estelionatária lacrimejou de modo afetado e enroscou as mãos na ponta do xale:

- Zaninha, minha querida! Meu Deus, você não mudou quase nada, sabia? Está um pouco mais magra e parece mais baixa, mas essa expressão nos olhos... oh, querida, eu a reconheceria em qualquer lugar!

A velha deu dois passos para trás.

-Zaninha? Faz mais de quarenta anos que ninguém me chama assim. Quem é você?

Jussara estalou a língua.

- Ah, minha prima amada, seria muito esperar que você me reconhecesse! Afinal, faz tanto tempo... Mas eu estou vendo que você ainda usa o mesmo medalhão, não é? Igual ao meu, veja!

Quando Jussara puxou de dentro do decote a réplica que fizera de medalhão de prata igual ao usado por Suzana, a velha saltou para frente arregalando os olhos:

- Lázara? É você, minha prima? – ela examinou a joia falsa com os dedos trêmulos e, depois de alguma hesitação, sem qualquer palavra, recuou uns passos para a estelionatária entrar em sua casa. Não houve cumprimentos efusivos. Na verdade, não houve emoção alguma. Apenas uma resignação mansa e reverente pela chegada da parente inesperada.

Jussara se instalou na casa de Suzana com grande facilidade. Seu papel era o da única prima da idosa, que havia sido muito próxima dela na infância e adolescência, mas que, depois de adulta, desaparecera sem deixar vestígios. Suzana levava uma vida solitária e não tinha contato com familiares. O surgimento da galinha misteriosa e do súbito enriquecimento despertara a atenção de alguns malfeitores e curiosos, e o assunto acabou chegando ao conhecimento da estelionatária, que vivia na cidade vizinha.

No decorrer dos dias, o diálogo entre as primas era muito escasso. Encontravam-se apenas nas refeições, e havia uma prosa protocolar sobre assuntos corriqueiros. Jussara havia se preparado para algumas perguntas e reminiscências de infância das duas, claro, mas percebeu com alívio que a sua anfitriã não tinha muito gosto em falar sobre a família ou o passado. Na verdade, começou a questionar se haviam sido tão próximas como apontava a pesquisa, já que a idosa parecia apenas tolerar sua presença e evitar contatos próximos.

Mas o importante ela estava conseguindo: descobriu que, de fato, a misteriosa galinha existia, e Suzana a chamava carinhosamente de Gelsa. O galinheiro era trancado com dois cadeados, e, como diziam as fofocas, os ovos não eram vistos nunca. Mas os sinais de súbita riqueza da velha eram evidentes, como a reforma do casarão com materiais caros e sofisticados, móveis novos e um automóvel zero quilômetro na garagem. Jussara imediatamente passou a aproveitar o tempo livre para vigiar, à distância, a famosa galinha. Ela era alimentada com esmero por Suzana, que de vez em quando saía furtivamente de casa com pacotes e voltava com novos objetos, como obras de arte valiosas e outras aquisições refinadas. Mas a galinha permanecia trancada durante suas saídas, de modo que não seria possível investigar o mistério.

Determinada, Jussara certo dia contratou Ciro, um vigarista conhecido seu para arrombar o galinheiro assim que Suzana se ausentasse em suas saídas misteriosas. Ciro examinou os cadeados e disse a Jussara que precisaria de pelo menos meia hora para resolver aquilo, pois eram cadeados de última geração, e

ainda havia um alarme para ser desativado no galinheiro, que ela nem havia percebido.

Satisfeita com a competência do jagunço, Jussara aproveitou enquanto o homem trabalhava para inspecionar documentos pessoais de Suzana no primeiro andar, e acabou descobrindo nessa inspeção fotos antigas que não tinha tido acesso, da velha e da prima verdadeira brincando num jardim, depois frequentando a mesma escola na adolescência, tudo documentado em álbuns bonitos, alguns com dedicatórias carinhosas e muita organização. Jussara concentrou--se em examinar todos os álbuns com interesse, intrigada com o porque da frieza da velha, já que, de fato, tinha havido uma amizade próxima entre as primas.

De repente percebeu que tinha perdido a hora nesse exame, e desceu correndo as escadas direto para o galinheiro. Encontrou-o aberto, os cadeados arrebentados e nem sinal do vigarista. Com o coração aos pulos, correu do quintal para a entrada dos fundos, e já na cozinha, ela descobriu toda a cena:

Em cima da mesa de granito recém-adquirida por Suzana, a galinha Gelsa jazia inerte, brutalmente decepada e com as pernas arrancadas. Da sua cloaca se via uma incisão onde, notoriamente, havia sido violada, e ao seu lado, a imagem grotesca das vísceras retiradas há pouco tempo.

Tremendo, Jussara sentou atordoada na cadeira junto ao animal retalhado. Não devia ter confiado a um pilantra como Ciro ter acesso à galinha sem que ela estivesse por perto. Lembrou que, na fábula da galinha dos ovos de ouro, a ganância e a curiosidade do dono haviam culminado com o ato insano de abrir a galinha para ver por dentro como se operava aquele milagre, e assim, a animal morrera e as pessoas se tornaram pobres de novo. Tendo finalmente pegado a galinha e constatado seu dom precioso, o estúpido do Ciro deve ter raciocinado do mesmo modo, abrindo a ave como a criança que quebra o brinquedo para ver por dentro a engrenagem da magia. Agora, a única possibilidade real de riqueza da vida de Jussara jazia morta à sua frente, abandonada após a constatação de sua anatomia comum, como um bicho sacrificado num altar pagão.

Suspirando e imbuída do necessário espírito prático que a situação exigia, ela lembrou que só lhe restava agora limpar aquela sujeira e tentar consertar as coisas a seu modo.

Após ligeira assepsia da cozinha, ela correu na granja mais próxima e adquiriu uma galinha da mesma cor e tamanho de Gelsa. Por sorte, a ave era um bicho com a cor das penas e a compleição física comuns, com ela observara durante o seu período de hospedagem ali. Com os cadeados também recuperados e o alarme reativado, subiu as escadas e , exausta, adormeceu antes mesmo da chegada da prima.

Veio acordar no dia seguinte, assustada com a figura austera do padre à sua frente, segurando o envelope entre as mãos.

A casa estava silenciosa como sempre, mas o homem de batina negra a olhava consternado, estendendo o papel para ela.

- Onde esta minha prima Zaninha? – ela inquiriu com a voz fraca, saltando da cama e pegando o envelope. – O que o senhor está fazendo aqui?

O padre pigarreou e murmurou um pedido de desculpas por entrar sem bater, mas não havia empregados na casa e a situação era urgente.

Prima Lázara,

Se você recebeu essa cartinha, é provável que eu já esteja bem longe desse casarão mal-assombrado.

Me perdoe se a caligrafia está tão trêmula, é que nunca escrevi para pessoas que já morreram: estou tão assustada que minha vontade era largar tudo e sair correndo, mas o dever familiar me obriga a te dar algumas explicações.

Há aproximadamente uns seis meses, recebi uma herança secreta do nosso avô, com a recomendação de que deveria ser dividida apenas entre nós duas, eu e você, suas únicas netas. Era muito dinheiro, mas mesmo assim eu não mandei te avisar, porque estava precisando consertar o casarão, e me permitir alguns luxos que não tive ao longo da vida.

Fui alvo de intrigas e especulações quando comecei a gastar o dinheiro que recebi dessa fortuna, portanto, tento manter um estilo de vida muito reservado desde então. Há muitas histórias fantasiosas nessa cidadezinha em que vivo, e há quem ache até que meu súbito enriquecimento vem de uma fonte mágica, imagine você. As vezes fico chateada com o pedido de vovô para nunca divulgarmos a origem dessa herança, já que somos suas netas em virtude de um relacionamento extraconjugal. Mas por outro lado, foi muito generoso da parte dele nos deixar tanto dinheiro sem ao menos nos conhecer, não é?

Como você deve ter percebido, a princípio fiquei desconfiada com sua chegada repentina depois de tantos anos. Tenho vergonha de dizer, mas chequei a pensar que seria uma impostora. Depois me dei conta de que deveria ser você mesmo, pois a notícia da heranca deveria ter chegado aos seus ouvidos e você vinha me cobrar o quinhão que lhe cabia e eu não te repassara. Confesso que fiquei comovida em descobrir que você não viera com raiva nem mágoas, e parecia querer uma reaproximação genuína comigo antes de tocar no assunto da herança. Afinal, fomos mesmo primas muito ligadas na infância. Quando aceitei isso, fiquei tão contente que fui ao mercado comprar ingredientes para fazer um belo almoço de domingo em sua homenagem. Eu ia cozinhar Gelsa, aquela galinha de capoeira que você viu no quintal, que estava engordando para uma ocasião especial.

Mas ao chegar na cidade, fui avisada que havia chegado uma carta para mim nos Correios com data de três meses atrás, que veio com atraso em virtude dessas greves de funcionários do serviço postal. Guardei a correspondência para abrir e ler com calma em casa, em virtude do adiantado da hora. Quando voltei, meu primeiro susto foi surpreender um ladrão tentando arrombar o galinheiro, veja você que audácia! Assim que me viu, o covarde fugiu. Aí, matei a galinha e comecei a tratar. Botei o feijão no fogo para o almoço

que seria no dia seguinte- no caso, hoje. Sentei na mesa e abri a carta. Então eu soube.

Fiquei transtornada quando li a carta e recebi de nossa tia Eufrasina a notícia de que você, Lázara, já havia morrido há três meses. Três meses! E eu só tomara conhecimento dessa tragédia naquele momento, com sua alma penada bem ali, na minha casa. Você tinha vindo me assombrar, porque eu não avisara a você da nossa herança? Será que você morreu pobre, precisando desse dinheiro que nunca te dei? Ah, meu Deus, perdão, minha prima! A primeira coisa que fiz foi correr à Igreja e rezar um terço pela sua alma, para que você retornasse ao mundo dos mortos. Você nem imagina minha surpresa, prima, quando voltei e encontrei a galinha Gelsa, que já tinha sido depenada e aberta, ciscando tranquilamente no galinheiro quintal. Nunca tinha visto alma penada de galinha depenada, e não achei certo rezar por alma de bicho. Aí compreendi que eu estava sendo era castigada pela minha cobiça, com todas essas almas penadas me assombrando em casa. Só faltava vovô aparecer também e puxar minhas orelhas! Resolvi pegar toda a minha fortuna e doar para a Igreja, para caridade, e ir-me embora de vez daqui.

Deixei o que restou do dinheiro da nossa herança na Igreja, com o padre, para caridade. Inclusive foi assim que essa cartinha chegou também às suas mãos, já que eu mesma entreguei a ele. Espero que você me perdoe não ter avisado da herança, prima Lázara – pense que, de todo modo, você não poderia usufruir dela, já que morreria logo em seguida também.

Descanse em paz, e por favor leve embora com você Gelsa, a galinha penada, quando partir de volta para o Além.

Com amor e arrependimento, Suzana ■

Andréa Nunes é autora dos romances 'O Código Numerati', 'A Corte Infiltrada' (2014) e 'Jogo de Cena: Romance de Espionagem' (2019). Ministrou palestras sobre literatura policial em universidades da Alemanha, Dinamarca, França e Portugal. É promotora de Justiça de combate à corrupção em Pernambuco e membro da Associação Brasileira de Escritores de Romance Policial, Suspense e Terror — ABERST. Nasceu em João Pessoa e mora em Recife (PE).

festas semióticas

Amador Ribeiro Neto amador.ribeiro@uol.com.br

Cacaso, o poeta decide errar





acaso é um bom poeta. Por que errou?

Vamos voltar ao começo. Antônio Carlos de Brito, o Cacaso, um dos nomes mais importantes da década de 1970. Integrante da Geração Mimeógrafo, que imprimia seus próprios poemas ou se mobilizava em pequenas editoras. E que deu origem à Poesia Marginal: oralidade em primeiro plano, espontaneidade de linguagem, postura crítica diante do momento político do país, discurso quase sem ambiguidades. Exceto trocadilhos piadísticos, de fácil deglutição.

Cacaso era professor, poeta, crítico, desenhista, letrista da

MPB. Bem informado, levou para a universidade a discussão sobre esta nova poesia que surgia no Rio. Abriu discussão contra o Estruturalismo, a linha teórica do momento e insurgiu-se contra a Poesia Concreta, depois de ter-se mostrado simpático a ela.

No poema "estilos de época" detonou:

Havia os irmãos Concretos H. e A. consanguíneos e por afinidade D. P., um trio bem informado: dado é a palavra dado E foi assim que a poesia deu lugar à tautologia (e ao elogio à coisa dada) em sutil lance de dados: se o triângulo é concreto já sabemos: tem 3 lados.

O interesse pela poesia marginal tem levado o mercado editorial a relançar poetas desta época como Chacal, Ana Cristina César, Francisco Alvim, Nicolas Behr, etc. Bem como a investir em novos poetas que têm seguido esta linha: Bruna Beber, Ana Martins Marques, Angélica Freitas, dentre outros.

Alguns deles já tivemos oportunidade de comentar aqui no **Correio das Artes**: Chacal, Nicolas Behr, Ana Martins Marques, Angélica Freitas.

O livro *Poesia Completa/Cacaso*, da Companhia das Letras, além

Antônio Carlos de Brito, o Cacaso, integrou a Geração Mimeógrafo, que deu origem à Poesia Marginal: se tornou um dos principais nomes dos anos 1970



festas semióticas

de reunir sua obra poética já pulicada, traz inéditos colhidos entre anotações de 23 cadernos do poeta, escritos entre 1977 a 1987, ano de sua morte aos 44 anos de infarto. Traz ainda sessenta das quase trezentas letras de canções em parcerias com Tom Jobim, Edu Lobo, Djavan, Toquinho, João Donato, João Bosco, Zé Renato, Francis Hime, entre outros.

Vale lembrar parcerias de canções que ficaram para sempre no repertório musical de nossa MPB: "Amor, amor" (Sueli Costa), "Angu de caroço" (Edu Lobo), "Dentro de mim mora um anjo" (Sueli Costa), "Dinheiro em penca" (Jobim), "Face a face (são as trapaças da sorte)" (Sueli Costa), "Lero-lero" (Edu Lobo), "Liberdade" (João Bosco), "Morena de endoidecer" (Djavan), e por aí afora.

Na seção fortuna crítica, do volume, Roberto Schwarz descreve o poeta fisicamente associando-o à "estampa rigorosamente 68". Heloisa Buarque de Hollanda comenta toda a produção de Cacaso e conclui que sua poesia tinha uma postura mais "cultural que literária". Francisco Alvim destaca a ironia e a perfídia como formas de corrosão da epifania de sua poesia. Vilma Arêas tece crônica de memória pessoal. Mariano Marovatto estabelece a biografia essencial do poeta em poucas páginas.

O elo imediato entre vida e poesia levaram Cacaso a radicalizar a linguagem a ponto de eliminar, ao máximo, a ambiguidade. Contraria as metáforas e metalinguagens que recheiam o livro de estreia (1967), de viés cabralino, drummondiano e eliotiano. Vejamos o poema "anulação", deste livro:

Fiquei mais velho: 20 anos E nenhuma preparação para a vida. A calma sedimentou-se mas A ironia vagueia no campo e ruge.

Pelos olhos recebo o tempo, interpreto E nego. É muito forte o tempo. Me invento na laje, no corte e na Palavra. Inútil: estou sempre começando.

O amor resvala e acena e já Descrente desta ou de outra miragem, Recolho nada entre o céu e a idade.

Tudo esfriou e nem era o frio, e nem O germe pondo a noite no casulo: Corpo desfeito e tempo nulo.

Renegando o livro de estreia, A Palavra Cerzida, 1967, e todo seu estilo poético, ele passa a publicar, a partir do livro seguinte, Grupo Escolar, 1974, poemas



'Poesia Completa' reúne poemas conhecidos e inéditos de Cacaso

que abusam de uma coloquialidade desleixada, trocadilhos esvaziados, com fins risíveis lamentáveis. O poema "reflexo condicionado" é um dos casos:

Pense rápido: Produto Interno Bruto ou brutal produto interno ?

Onze anos depois, no poema que intitula o novo livro, *Na Corda Bamba*, de 1978, a mesma ladainha:

Poesia Eu não te escrevo Eu te Vivo E viva nós!

Estranhamente, a poesia deixa de ser representação e passa a ser a própria vida. Sem dúvida, um paradoxo: a negação da poesia se dá enquanto é redigida a própria poesia.

É sabido que poesia é representação, é linguagem. O problema reaparece quando o poeta busca no imediatismo a identificação vida-arte. Esta "pressa" leva-o a escrever, em todos os livros, poemas de resultado duvidoso. Como estes:

"preto no branco"

De colorida já basta A vida

"boêmia"

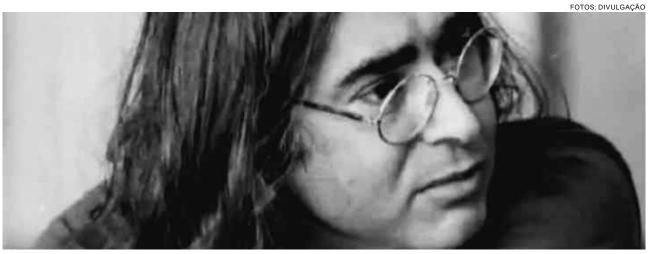
Acho que hoje já é Amanhã.

"arca de noé"

Nasceu
Fudeu

João Pessoa, julho de 2021 | 33

festas semióticas



Pasmaceira de recursos na poesia não é encontrada nas letras das canções que Cacaso escreveu

"genealogia"

A gente é o pai da gente.

"amizade"

"O sexo não tem sexo".

"oferta"

"A amizade não tem preço.

"falando sério"

Outro amor? Não caio mais.

"sinistros resíduos de um samba"

Não chore meu amor não chore Que amanhã não será outro dia

"minoridade"

Sou criança mas não sou Bobo

"golpe de estado"

Urubu-rei reina mas não Governa

"sucesso na geral"

Mulher e diabo se conhece pelo Rabo

"O lugar da transgressão"

Encontrei um sapo cochilando dentro de

Minha botina. Nunca me meti em

De sapo. Que liberdades são es-

"Sacrilégio"

Numa tarde erma e raros ventos Enrabei a cabritinha. Acho que ninguém viu.

No entanto, esta pasmaceira de recurso – ou falta dele – não

é encontrada, como vimos, nas letras das canções, compostas ao longo de sua vida. Prova que o bom poeta continuava vivo, mas sufocado por um manifesto de uma pretensa nova poesia que surgia no mercado pra consumo imediato.

Procedimentos do livro de estreia encontramos em dois poemas do último livro publicado em vida – "já já" e "tiau Roberval" – bem como em alguns poemas inéditos resgatados por esta *Poesia Completa*.

Cacaso renegou sua poética inicial, aderiu aos princípios da poesia marginal e passou a ser mentor e fiel do novo preceito, apagando o encanto pessoal. Errou, mas errou sabendo que o fazia.

Amador Ribeiro Neto é poeta, crítico de literatura e professor da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB)

POESIA

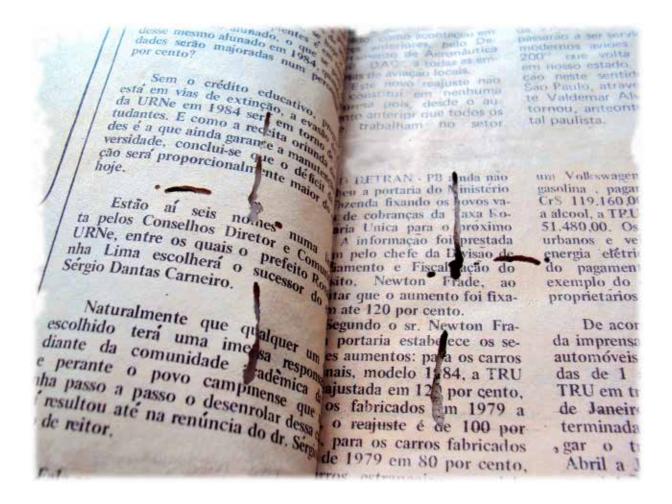
Vanderley de Brito

Sonetos em recortes

Entrementes a textos e texturas Em trama de alimento e ameaça Lavrando suas próprias tessituras Qual vândalos em dia de arruaça

Cavouqueiros, artistas de araduras Que cinzelam os sulcos da desgraça Mas, porém, nestas toscas curvaturas Seus entalhes revelam certa graça No traçar do caminho destes guetos Quem sabe se não há belos sonetos Que em devastação vil se disfarça?

Nos caminhos abertos em brochuras Há glifos destas simples criaturas Que se convencionou chamar de traça





Vanderley de Brito, natural de Campina Grande, fundador da Sociedade Paraibana de Arqueologia e atual presidente do Instituto Histórico de Campina Grande, é poeta, romancista, historiador e arqueólogo, com livros publicados nas áreas de romance histórico, história colonial, arqueologia regional e folhetos de Literatura de Cordel.

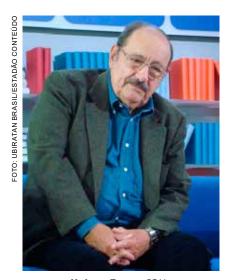
Tiago Germano tdgermano@gmail.com

A ciência como thriller



m Confissões de um Jovem Romancista (2011), Umberto Eco lembra um trauma em sua carreira de pesquisador, quando foi acusado de má conduta científica na banca de seu doutorado. Ao narrar a história de sua pesquisa como se fosse um romance policial, Eco foi menosprezado como cientista por um dos arguidores - um professor que, sem saber, inspiraria o modus operandi dos escritor que viria a se tornar um respeitado semiólogo fazendo, em todos os seus trabalhos acadêmicos posteriores, nada mais que "o relato de uma busca por algum Santo Graal", motivado pela tenaz convicção de que "toda obra científica deve ser uma espécie de thriller".

Partindo desse pressuposto sedutor, ministrei recentemente uma oficina na Biblioteca de São Paulo intitulada "A literatura como ciência e a ciência como literatura". A ideia era estimular o diálogo entre esses dois campos do conhecimento numa época em que paira sobre ambos uma mesma ironia capciosa: justo durante a pandemia da covid-19, quando a ciência tem nos ajudado a enfrentar o vírus com suas descobertas e os livros voltaram a ser nossos companheiros no isolamento social, a ignorância humana tem se tornado tão nociva a ponto de causar a morte de milhões de pessoas ao redor do mundo, vítimas diretas ou indi-



Umberto Eco, em 2011: ao narrar a história de sua pesquisa como se fosse um romance policial, escritor foi menosprezado como cientista

retas do negacionismo de parte de nossa sociedade e dos seus governantes.

No mesmo ritmo com que médicos tentam ressuscitar pacientes entubados na linha de frente de hospitais, laboratórios tentam produzir vacinas a toque de caixa e infectologistas vêm a público para nos alertar da importância do uso de máscaras e do distanciamento, notícias falsas circulam minimizando o impacto da

doença e propondo tratamentos comprovadamente ineficazes. Ao passo que nunca se venderam tantos livros pela internet (o mercado cresceu 44% na quarentena, segundo dados divulgados este ano), contemplamos, atônitos, a insurgência de discursos que parecem se voltar contra o saber e a cultura, trocando bibliotecas por fogueiras, livros por armas, arte por violência.

No centro desse thriller, por vezes uma distopia insana, nada fascinante de se acompanhar, a palavra jaz como esse Santo Graal que a humanidade está constantemente buscando, em páginas de uma história que vai sendo escrita e que é também, a seu modo, uma batalha pelo controle de narrativas, produzindo heróis e vilões, protagonistas e coadjuvantes, textos e notas de rodapé.

Cabe a nós, mulheres e homens, acreditar na palavra, ainda que numa era em que a sua falência tem gerado tantos ruídos. Ou, como diria o poeta espanhol Alberto Juarroz:

O serviço que se pede ao homem É nada mais que continuar a narração, Com qualquer argumento, Ou também sem nenhum. **∊**

Tiago Germano é escritor, autor da coletânea de contos Catálogo de pequenas espécies (Caos e Letras, 2021), do romance A mulher faminta (Moinhos, 2018) e do volume de crônicas Demônios domésticos (Le Chien, 2017), indicado ao Jabuti.



Luiz Augusto Paiva da Mata Especial para o Correio das Artes

Irene sempre de bom humor. Imagino Irene entrando no céu: - Licença, meu branco! E São Pedro bonachão:

- Entra Irene. Você não precisa pedir licença. Manuel Bandeira

ssim como a de Bandeira, minha Irene entrará no céu sem pedir licença. Pedro bonachão, não lhe negará ingresso. Mas, por enquanto, eu usufruo de sua presença. Grande alma a de Irene! Fiz-lhe de criada em algo que o parentesco não pode definir. A boa negra embalou-me o sono de menino, tomou-me as primeiras lições, enfiou-me goela abaixo terríveis doses de fortificantes, foi-me impiedosa com a vara de marmelo sempre que me surpreendia "fazendo arte". Já rapagão, confidenciei-lhe a presença de algumas perebas (adquiridas em minhas fugidinhas noturnas) ao que pronto minha excelente "Ana Neri" recomendava algumas compressas de sua mezinha e o poderoso Tetrex, muito em moda na ocasião.

Lia às escondidas minhas correspondências e vinha tecer comentários com fumos de galhofa, aludindo desabonadores palpites sobre os secretos conteúdos daquelas missivas. Ai de mim se repreendesse minha censora! Terrível a minha Irene! Hoje a boa negra, sem o mesmo vigor de outrora, ge-> rencia-me a casa, pondo minha prole nos eixos, já que a minha liberal metodologia não tem a mágica eficácia de sua respeitabilíssima vara de marmelo, batuta com a qual rege meia dúzia de endiabrados componentes de nossa filarmônica.

À minha mulher aconselha nos temperos e a mim em coisas da literatura. Não há escrito meu em que ela não enfie os bedelhos; e tenho de submeter meus textos à sua crítica ferina. Fez-me rasgar alguns contos de minha lavra. Impiedosa em sua análise de estilos. Surpreendeu-me sempre seu "faro literário", ainda que a pobre não tivesse "terminado o grupo", como sempre em sua modéstia fizesse questão de mencionar.

Ando as voltas com um romance. Tem-me tomado as noites e as personagens teimam em não ganhar o brilho que minha pena pretende lhes emprestar.

Irene, aconselha-me:

_ Essa criatura está muito frufru, chata. Devia ter mais vida pra gente gostar dela. Muito sem tempero – sentencia.

Algumas vezes, irrita-me.

_ Irene, por que não tenta escrever? Quero ver suas personagens com mais vida do que as minhas – cobrei empinando o nariz em notório desafio.

_ Mas eu escrevo. Do meu jeito, mas escrevo. Sem esses volteios, pra lá, pra cá e que não dizem nada – era uma crítica velada ao meu pretenso pendor literário..

_ Pois, mostre-me, Irene. Faço questão de ler. Prometo não ser cruel em meu julgamento...Como é o proceder de certa criatura.

Logo, me apareceu a boa negra abrindo um velho caderno onde eu sempre julguei haver receitas de sua culinária cabocla. Irene folheou o caderno e indicou-me sua peça.

_Ainda não passei a limpo, mas dá para ler.

Fixei-me em sua caligrafia arredondada e entreguei-me à leitura. Era assim:

Sempre foi do mesmo jeito. Totonho faz isso, Totonho faz aquilo, Totonho vem cá. O pior sempre sobrava pra mim. Cardo, não. Tinha privilégios até na hora em que a gente ia arrumar a cozinha: ele lavava e



eu enxugava. Na horta eu arrancava tiririca e ele aguava. Tudo de bom era com o Cardo. . Tudo. Até vergonha tinham de mim. Era só chegar visita, que me mandavam pro quarto, de forma que não vissem a "peste ruim", porque era desse jeito que meu pai me chamava quando tomava um martelo a mais de cachaça e vinha me dando uns croques, dizendo que era muita desgraça ter um filho daquele jeito.

Com Cardo era tudo diferente. Acho porque não era coxo que nem eu. Não precisava arrastar as pernas, não tinham vergonha dele, deixavam até ele usar faca de ponta na cinta, que nem gente grande.

Só no ano passado é que me puseram na escola pra aprender as letras e as contas. Cardo já estava no Admissão e iria loguinho, loguinho pro ginásio. Agora eu já não erro troco e sei a tabuada todinha. Tá aqui na ponta da língua. Sei até conta de vai um.

Mas tinha uma coisa aqui no bairro d'Os Melo que fazia as pessoas morrerem de inveja de mim. Ninguém teve igual. Porque duvido que algum dia tenha existido uma cabra mais bonita e mais inteligente do que Bitojane, Até Cardo tinha despeito, já que Tarzan vivia cheio de pulgas e não era ensinado. Tem medo até de tiro de garrucha. Nem na corrente o porqueira ficou bravo.

Foi quando eu tive coqueluche, que meu padrinho, o Nestor da Edi-

virges, trouxe a cabritinha que acabara de perder a cria e tava assim de leite. Acharam que leite com quina ia ser bom pra tosse e poderia até dar um ajutório pras minhas pernas. Foi um santo remédio pros peitos. As pernas ficaram daquele jeito mesmo. Era de nascença.

Quando acabou o catarro e eu já podia sair na friagem é que minha mãe avisou que era eu que devia dar um jeito de cuidar da criatura e daí em diante ela nunca mais deixou de chamar Bitojane de Criatura.

Sempre tive muita paciência pra ensinar Bitojane e ela ficou tão sabida que só faltou aprender a falar, mas acho que ela entendia tudo que eu conversava. Quando levava ela pro pasto, não precisava nem amarrar a cordinha nela, porque ela vinha do meu lado toda obediente. Aí então, é que eu trocava ideia com ela e Bitojane adivinhava se eu estava contente ou triste, só de olhar para mim. Minha mãe não gostava daquilo. Achava que além de tudo eu era maluco porque eu ficava conversando com a Criatura, que eu devia ser que nem o Cardo que não tem miolo mole.

Milho, eu dava pra ela na boca. Vinha comer aqui, oh! Não tirava os olhos de mim. Se eu dava pouca ração, puxava pelas minhas calças pedindo mais. Parecia até gente. Era valente também. Tanto que o Tarzan não fazia prosa com ela, com aque-

la mania dele de judiar da criação. Noutro dia mordeu o ubre da Riqueza, que tava de bezerrinho novo. Fez a maior ferida. Mas com Bitojane ele não se fazia de besta, que ela vinha de chifre em cima dele e o tranqueira saía latindo miudinho.

Por causa de Bitojane, começaram a implicar ainda mais comigo. Onde já se viu eu não largar daquela coisa o tempo todo? Que eu ficava esquecendo das obrigações, que era isso, que era mais aquilo outro. Era inveja! Só podia ser. Cardo ficava caçoando de mim, dizia que eu tinha cheiro de bode grudado até nas partes! Nos da frente e nos de trás. Mas na hora de apartar as vacas, era eu mais o agregado Vicente, o negrão, é quem dávamos conta das tarefas. Cardo nem pra me ajudar a subir no tordilho, cavalo do passo-picado, o melhor da propriedade, mas pra montar é um trabalhão. Nunca vi cavalo mais cosquento.

Podia dar sol ou bater chuva que Bitojane ficava ali no mangueiro esperando a apartação das vacas, e era só Tarzan chegar que ela já dava uma corrida nele. Vicente ria de dar dor de barriga. Tava até pensando em levar Bitojane pra caçar uns macucos e mandar o retireiro ordenhar Tarzan.

Depois que fui pra escola deu a maior tristeza nela. Tinha de amarrar a bichinha na porteira. Ela não se conformava. Enquanto eu não voltasse, ela não parava de berrar. Demorou pra pegar costume. Depois era uma lindeza, ficava no maior comportamento. Só quando me avistava passando pelo cruzeiro, me benzendo, então ela começava a berrar, doida de tanta satisfação. Aí eu esquecia ser o lugar mal assombrado, onde à meia noite a sacizada se encontrava com as almas dos falecidos. Vicente é quem tinha me contado esses causos. Fazia força pra dar uma carreira por conta dos preventivos e ia desenroscar Bitojane das cordas. Minha mãe via tudo aquilo da janela e passava pito em mim quando eu entrava, que se eu não tomasse juízo ia me mandar pro Preventório Santa Clara pra eu pegar responsabilidade com a vida.

Foi ontem que eu escutei uns pedaços de conversa. Minha mãe falava uns aconselhamentos pro meu pai, achava melhor internar aquela peste, pois não tinha feito nada na vida pra pagar tanta provação. Cardo já tinha dormido. Eu tinha tido sonho ruim e acordei. Logo descobri que falavam de mim, da "peste ruim", que se Deus me tivesse levado teria sido melhor pra todo mundo. Sempre soube disso e nunca fiz conta. Nada do que eu fazia tava bom. Acostumei. A gente quando tem defeito sabe que os parentes não dão valor. Ainda mais eu que tenho mania de falar sozinho, de conversar com Bitojane. Só Vicente não bole comigo, me chama de vaqueiro e me deu um canivete Corneta pra eu cascar laranja e cortar gancho de estilingue.

Hoje meu pai me chamou quando eu punha farinha de milho no café e perguntou se eu ia ou não ia criar juízo, que andar com aquela cabrita de uma lado para outro não era coisa de gente com cabeça boa, ainda mais conversando com a criação, que tava falando pro meu bem, que isso, que mais aquilo. Não entendi nada, porque não sabia mentir e não ia parar de dar agrado pra Bitojane. Então ele ficou muito sério, andando pela cozinha, tirando graveto do fogão para acender a palha do cigarro. Chamou o Vicente e mandou ele levar minha cabrita pro sítio do Cidão, por conta do milheiro de tijolo que tinha emprestado, que apaga tava boa e o Cidão não precisava se preocupar com a volta. Se fosse o caso aceitava um quarto dianteiro pra defumar, mas não tinha precisão.

Ainda me deu uma coça por acerto da manha que eu abri quando desconfiei de seus ordenamentos. Vicente, meu amigo, cochichou pra mim que ia me levar junto e ia falar com o Cidão pra criar a cabritinha solta no pasto e assim, eu ia poder ir lá de vez em quando e matar a saudade.

Bitojane veio toda oferecida, pensando ser a vez de comer milho. Ali mesmo abracei ela e chorei como nunca mais choraria em toda a minha vida. Dessa vez ela não entendeu o que eu queria dizer. Vicente me confortava, dizendo pra eu deixar o Cidão com ele.

Tomamos o caminho do pasto e custou fazer Bitojane entender que a caminha era mais comprida que a de costume. Ela até empacou na beira do corgo. Não estava acostumada a atravessar as águas da divisa. Vicente teve que pegar ela no colo e me falou pra eu não contar nada pro meu pai da sua proteção comigo e que eu ficasse sossegado, já que o Vicente não era de todo mau. Eu não devia fazer juízo dele por conta dos leitões que ele vinha capar pro meu pai, porque aquilo era da profissão e quem é temente a Deus que nem ele, não iria fazer tamanha judieira com uma criança.

Quando chegamos, Cidão mesmo atendeu e aceitou o trato de meu pai. Vicente chamou ele prum canto e teve um particular enquanto que eu chorei o resto que tinha pra chorar. Bitojane entendeu que era despedida. Olhou pra mim do jeito mais triste que eu já tinha visto.

Nem me lembro do jeito que voltei. A gente nem tinha passado a volta da figueira quando ouvimos o último grito de Bitojane. Vicente me segurou pelo braço e ficamos um tempão parados. Depois, eu vi aquele bruta homem chorar que nem criança, mais até do que eu.

Quando cheguei em casa veio a febre. Vicente diz que eu falei dormindo. Agora é ele quem dorme encostado na cadeira. Parece um anjo preto. Já nem tenho vontade chorar. Não posso acreditar que fizeram uma judiação tão grande com Bitojane. Da cozinha vem cheiro de tempero socado no pilão. Minha mãe fala que pelo menos pra aquilo serviu a Criatura. Eu sinto uma pontada no peito. Parece a faca de ponta do Cardo me espetando o coração.

- Gostou?

_ Claro, Irene! Queria ter o seu dom para elaborar tramas com tal habilidade. Não poderia estar melhor. Mas me conta, onde você achou um nome tão mimoso para a cabra?

_ Tive uma cabra com esse nome. Faz tempo. Muito tempo...

Saiu indiferente, levando o caderno e arrastando sua perna atrofiada, que não houve médico que desse jeito. Era de nascença...

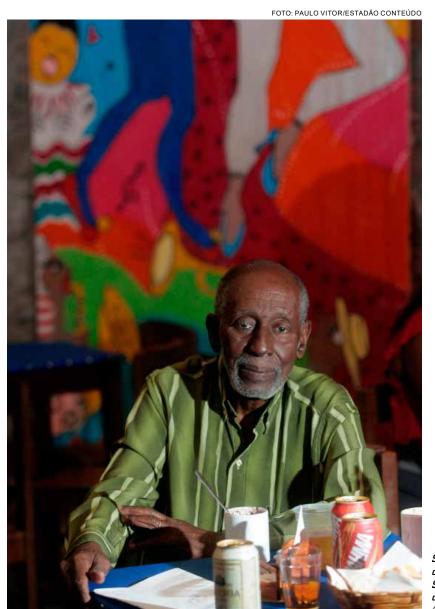
Luiz Augusto Paiva é professor de matemática, escritor. Tem livros publicados de contos e crônicas. Escreve semanalmente para o jornal "A União". É membro API e atualmente é presidente da União Brasileira de Escritores – seção da Paraíba. Natural de Campos do Jordão, reside em João Pessoa



UM ENCONTRO COM

Nelson Sargento

Jader FinamoreEspecial para o *Correio das Artes*



no saudoso Bar do Cidão, reduto dos chorões, na casa Pau-Brasil e no Ó do Borogodó, também reduto de chorões e sambistas mais tradicionais. Nesses lugares pude conhecer diversos artistas e criar muitas amizades. Num destes dias de trabalho

O ano era 2012, eu tocava como músico residente em três casas de show importantes para o samba em São Paulo. Tocava

Num destes dias de trabalho e festa, recebi o convite para ir à Madureira, no Rio de Janeiro, para celebrar o aniversário de Casquinha, um dos importantes compositores e baluartes da Portela. Uma alegria imensa, uma realização ser convidado para ir a uma festa fechada, dentro de uma das escolas mais importantes do samba no País. À noite, quase não dormi de emoção!

Chega o dia 14 de novembro e lá vamos nós para o Rio de Janeiro. A festa seria no feriado prolongado, se não me engano, na quinta-feira (15). O voo é rápido, cerca de 50 minuntos, e ao chegar lá, fomos até a Central do Brasil, ponto de encontro com alguns colegas do Rio para irmos juntos até à Portela.

O trajeto é de trem e passamos por algumas estações que eu ouvira muito nos sambas que ouvia e tocava, então era uma emoção ir pela primeira vez até aquele local sagrado do samba. Quando chegamos na estação Madureira, outra grande emoção me toma e lembro do samba "depois de Madureira", de Mauro Diniz. Conhece? Se não, ouça na interpretação perfeita de Beth Carvalho em seu disco Pagode de Mesa 1 (1999): "... Fica depois de Madureira, antes de Bento Ribeiro, onde se canta samba o ano inteiro, >

Sambista da velha guarda da Mangueira, Nelson Sargento morreu em maio deste ano, aos 96 anos de idade, vítima da covid-19 lá o samba verdadeiro, de raiz, faz a mocidade mais feliz, me orgulho de ser aprendiz, da minha querida velha guarda da Portela...".

È isso! Ali estava eu, andando em Madureira e cantando esse samba... as lágrimas me vem hoje ao rosto, no momento eu era só fascinação.

Lá chegamos antes do horário e demos a sorte imensa de encontrar alguns integrantes da Velha Guarda da Portela. Tentando fingir normalidade (risos), me aproximo do grupo. Lembro bem de Casquinha (o aniversariante!!!), Tia Surica, Mauro Diniz, Monarco e, no meio deles, um "intruso": Nelson Sargento da Mangueira, arquirrival em todos desfiles de carnaval.

Como não lembrar da história dos sambas de Paulinho da Viola? Ah, esse chegou um pouco depois. Isso mesmo, Paulinho da Viola também esteve ali e ficou, como eu, quieto, ouvindo... Voltando, como não lembrar de "Sei lá não sei" e "Foi um rio que passou em minha vida". O primeiro colocou Paulinho da Viola em situação complicada com a Portela. Como assim fazer um samba enaltecendo a Mangueira? Em resposta, ele compôs "Foi um rio que passou em minha vida".

Já lotada a quadra, o samba começa, sem microfones, sem som, tudo acústico, todos cantando tudo, muitos cavaquinhos, violões e percussão. Eram tantos musicistas que o caminho natural foi o rodízio. Num desses rodízios, me encontro com Nelson Sargento. Conversamos um pouco. O samba comendo no couro, cantam um samba e ele lembra uma história. Cantam outro, ele lembra outra... por sorte, eu estava ali para ouvir suas histórias e por ali fiquei um tempo razoável para fazer uma mini-amizade com ele e seu produtor. Voltamos a curtir a festa, regada a samba e feijoada!

Alguns meses depois, recebi um convite para acompanhar Nelson Sargento em

> duas apresentações em São Paulo. Eu não cabia em mim de alegria!!! Aceitei instantaneamente e, muito agradecido ao produtor dele, que mesmo depois de alguns meses lembrou de mim e me convidou, comecamos os estudos e ensaios. com Nelson, seria apenas um ensaio e os shows na sequência.

No dia do ensaio, aquele nervosismo imenso. Não é todo dia que se trabalha com um ícone desse tamanho! O ensaio seguiu tranquilo entre histórias e piadas. De forma despretensiosa, mostrava-me o quanto era pesquisador. Falava sempre do bar "Só pra quem pode" que, pelo que entendi, era um bar onde só entrava quem não tinha problema na justiça. Contou também sobre seus dois sambas campeões pela Mangueira 1949/50: "Apologia ao Mestre", de parceria com Alfredo Português, que no ano seguinte repetiu a dose com "Plano Salte - Saúde, Lavoura, Transporte e Educação".

Falava também e cantava sambas de sambistas mais velhos e menos conhecidos, como Aluísio Dias, Babaú, Cícero, Gradim, Marreta, Mano Fiúca. O ensaio seguiu entre cafés, histórias e muito samba, de uma consciência e inteligência invejável, um homem muito culto e com poucas vaidades, como poucos.

Os shows foram puro deleite para nós e para o público. Ele dominava o palco e o repertório a ponto de conseguir fazer com que todos sentissem a plenitude dos sentimentos que ele queria transmitir. Muitos dos sambas, empunhei meu cavaquinho com lágrimas nos olhos, por estar vivendo este momento que eu já tinha vivido em meu quarto, estudando, só que na época, era apenas o CD dele tocando e eu tocando junto. Agora, era de verdade! Ou, como dizemos, era à vera!

Num raro momento de sorte, fui remunerado para realizar um sonho. Ao final do show, pedi a benção, dei um abraço apertado e agradecido por tudo que ele já tinha feito, e ainda faria, através de sua arte. Foram poucos, porém transformadores o tempo que estive com ele, nosso Nelson Sargento! Viva o homem e sua imensa

Uma observação importante sobre ele: além de pesquisador da tradição do samba e imenso compositor, foi também escritor de contos, poesias, com alguns livros editados. Ele integrou o conjunto A Voz do Morro, ao lado de Paulinho da Viola, Zé Kéti, Elton Medeiros, Jair do Cavaquinho, José da Cruz e Anescarzinho e participou do importante espetáculo Rosa de Ouro. 🗷

Jader Finamore com o ídolo, durante o encontro em 2012



Jader Finamore é músico, produtor musical e arranjador, integrante da banda Os Fulano, sócio no estúdio e produtora de áudio Gota Sonora. Nasceu em Louveira (SP) e mora em João Pessoa (PB).

cantinho do conto

Rinaldo de Fernandes rinaldofernandes@uol.com.br



A foto



rientaram minha filha para sorrir na foto ao lado da outra menina, que era branquinha e brilhava como embalagem. O diretor ralhou que a foto precisava ser bem tirada, que ia virar pôster das olimpíadas do colégio. Minha filha estava mesmo acuada, algo a brecava, talvez as bolhas de suor que lhe borraram a blusa de amarelo e que lhe endureceram as bochechas a tarde toda. Acossada, ela não queria tirar foto sorrindo. O diretor tomou minha menina pelos ombros e espirrou:

– Se componha e sorria um pouco!

A outra menina, me comunicaram, segurava seu sorriso o tempo todo, observando a barba vermelha do diretor, que voltava a rugir contra minha menina:

- Sorria! Sorria, caramba!

Mas não adiantou, nem todo dia a gente tem sorriso para postar. E, seu diretor, minha filha não vai cansar a vista de seu ninguém importunada por seus espirros de gato combalido!



Rinaldo de Fernandes é escritor, crítico de literatura e professor da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB).

JORNAL A UNIÃO, O ÚNICO EM SUAS MÃOS.

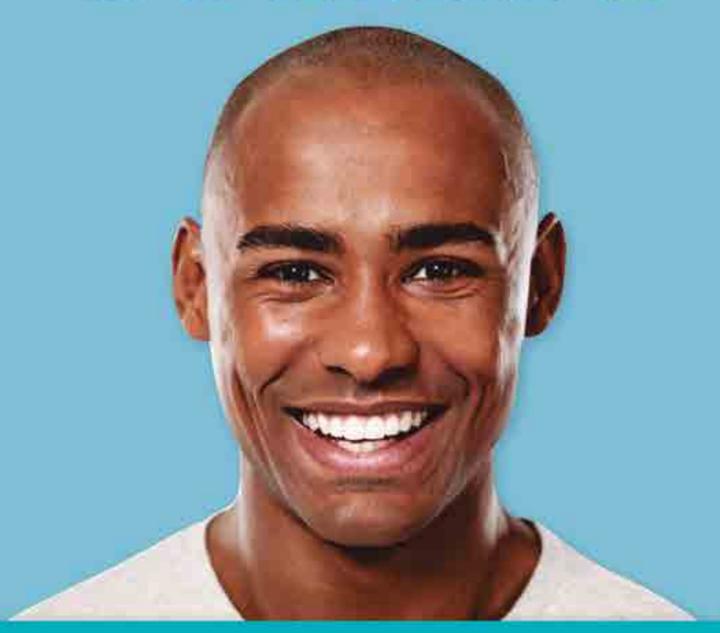
Há 128 anos **A União** está presente na vida dos paraibanos e é o único jornal impresso em circulação no Estado.



A UNIÃO



OSESC CUIDA DOSEU SORRISO



Agende sua consulta. Segunda a sexta | 07h às 19h (83) 3241-3494 / (83) 99996-0092

